

# **CONCEITOS PARA A AÇÃO POLÍTICA**

**- PROGRAMA**

**- TÁTICA E ESTRATÉGIA**

**- AGITAÇÃO, PROPAGANDA E ORGANIZAÇÃO**

## Que Programa? O que é um programa?

**Discussão de Trotsky** com os dirigentes do Socialist Workers Party (SWP) dos EUA, especificamente o texto originalmente intitulado “O atraso político dos trabalhadores norte-americanos”, de 1938. Neste caso, o tema abordado são os critérios para elaborar o programa do partido revolucionário.

**Crux[1]:** É muito importante precisar alguns pontos sobre a questão do programa em geral. Como é que se constrói um verdadeiro programa?

Alguns camaradas dizem que este esboço de programa não corresponde suficientemente ao estado de espírito e à disposição dos trabalhadores americanos; por isso devemos interrogar-nos sobre se esse programa deve ser adaptado à mentalidade dos trabalhadores, ou se deve antes corresponder à situação real, econômica e social do país. É a questão mais importante.

Sabemos que a consciência de cada classe social é determinada por condições objetivas, pelas forças produtivas, pelo estado econômico do país; mas essa determinação não se realiza de forma mecânica. A consciência, em geral, atrasa-se; atrasa-se em relação ao desenvolvimento econômico e esse atraso pode ser mais ou menos acentuado. Em tempos normais, quando o desenvolvimento é lento, quando as coisas progredem pouco a pouco, esse atraso não pode ter consequências catastróficas. Em grande medida, esse atraso significa que os trabalhadores não estão à altura das tarefas impostas pelas condições objetivas. Numa altura de crise, em contrapartida, esse atraso pode ser catastrófico. Na Europa, por exemplo, deu origem ao fascismo. O fascismo é o castigo em que incorrem os trabalhadores quando não conseguem tomar o poder.

Hoje, os Estados Unidos entram numa fase análoga e conhece perigos similares. A situação objetiva do país está, sob todos os pontos de vista, madura para a Revolução Socialista e para a passagem ao socialismo, mais madura que na Europa, mais madura talvez do que em qualquer outro país do mundo; mas o atraso político da classe operária americana é extremo. Isto significa que o perigo de uma catástrofe fascista é enorme. Esta análise é o ponto de partida de toda a nossa atividade. O programa deve exprimir as tarefas objetivas dos trabalhadores e não refletir o seu atraso político. O programa deve dar conta da sociedade tal como é, porque ele próprio é um instrumento para lutar contra essa mentalidade atrasada da classe operária e para vencê-la. É por isso que, no nosso programa, devemos procurar mostrar toda a amplitude da crise social que abala a sociedade capitalista, em cuja primeira linha figuram os Estados Unidos. Não podemos ser nós a fixar os prazos ou a modificar as circunstâncias que não dependem de nós. Não podemos garantir que as massas resolverão a crise, mas devemos reproduzir a situação tal como se apresenta: essa é a tarefa do programa.

Uma outra questão é saber como apresentar o programa aos trabalhadores. É uma questão de pedagogia e de vocabulário, de escolha de termos. A política, quanto a ela, deve orientar-se somente pela questão essencial, a do desenvolvimento das forças produtivas e do bloqueamento desse desenvolvimento pela forma capitalista de organização da propriedade e o seu resultado; o desemprego crescente, a maior das pragas sociais. As forças produtivas já não se podem desenvolver como antes. A ciência e a tecnologia desenvolvem-se, mas as forças materiais declinam. Isso significa que a humanidade se torna cada vez mais pobre, que o número de desempregados aumenta. A miséria das massas aprofunda-se, as dificuldades são cada vez maiores tanto para a burguesia como para os trabalhadores; a burguesia não tem outra solução senão o fascismo; a crise que se desenha obrigará a burguesia a abolir os vestígios da democracia. O proletariado americano corre o sério risco de pagar com 20 ou 30 anos de purgatório fascista a sua falta de organização, de vontade e de coragem. Será então à custa do cassetete de aço que a burguesia ensinará aos trabalhadores americanos o seu dever revolucionário. A América verá a experiência europeia reproduzir-se a uma escala gigantesca. Devemos ter plena consciência disso.

Isto é muito sério, camaradas. Trata-se do futuro que se apresenta aos trabalhadores americanos. Depois da vitória de Hitler, quando Trotsky redigiu a brochura “Para Onde Vai a França?”, os socialdemocratas franceses troçaram: “A França não é a Alemanha”. Mas antes da vitória de Hitler, ele tinha escrito numerosas brochuras para prevenir os trabalhadores alemães, e os socialdemocratas também tinham troçado: ‘A Alemanha não é a Itália’. Não fizeram caso delas. Hoje é a França que está cada vez mais próxima de um regime fascista. É a mesma coisa para os Estados Unidos. A América tem reservas de gordura, foram essas reservas do passado que permitiram a experiência Roosevelt, mas elas esgotam-se... A situação geral é a mesma em todo o lado, o perigo é o mesmo.

É verdade que a classe operária americana tem uma mentalidade pequeno-burguesa, que conhece mal a solidariedade revolucionária, que está habituada a um nível de vida elevado, mas a mentalidade da classe operária americana não corresponde às realidades dos nossos dias; reflete as recordações de um tempo que já passou.

Hoje, a situação é radicalmente diferente. Que pode fazer um partido revolucionário face a essa situação? Em primeiro lugar, compete-lhe dar uma imagem exata da situação e das tarefas históricas que dela decorrem, quer os trabalhadores estejam ou não prontos a assumir essas tarefas. As nossas tarefas não dependem do estado de espírito dos trabalhadores, consistem antes em desenvolver a sua consciência. É isso que o programa deve formular e apresentar aos trabalhadores avançados.

Alguns dirão: “De acordo, esse programa é um programa científico, corresponde à situação real, mas os trabalhadores não o fazem seu, permanecerá estéril”. É possível. Mas isso significaria apenas que os trabalhadores seriam esmagados antes que a crise tivesse podido ser resolvida no sentido da Revolução Socialista. Se o operário americano não faz, a tempo, deste o seu programa, será obrigado a aceitar o programa do fascismo. Quando nos apresentamos perante a classe operária com o nosso programa, não podemos dar nenhuma garantia quanto à sua rejeição ou à sua aceitação por essa mesma classe operária. Não podemos tomar essa responsabilidade... só podemos tomar a responsabilidade no que diz respeito a nós próprios.

Devemos dizer a verdade aos trabalhadores, é assim que ganharemos os melhores elementos. Não sei se esses elementos avançados serão capazes de conduzir a classe operária ao poder; espero que o venham a ser, mas ninguém poderá garanti-lo.

Mas mesmo no pior dos casos, se a classe operária não mobilizar todas as suas forças, todos os seus recursos para a Revolução Socialista, se cair debaixo da bota fascista, os operários mais avançados poderão testemunhar: “Aquele partido tinha-nos prevenido: era o melhor”. Será a marca de uma grande tradição que continuará presente na classe operária.

É evidentemente a pior das hipóteses. Mas isso demonstra que todos os argumentos segundo os quais não podíamos apresentar um tal programa, por não corresponder à mentalidade das massas, são falsos argumentos, que só revelam o medo dos seus partidários perante a situação atual.

Claro que se fechasse os olhos, eu poderia reduzir um belo programa cor-de-rosa que toda a gente aceitaria. Mas esse programa não corresponderia à situação, e o que é próprio de um programa é corresponder em primeiro lugar à situação objetiva. Creio que este argumento elementar é um elemento definitivo.

A consciência de classe dos trabalhadores está atrasada em relação aos acontecimentos, mas a consciência de classe não é uma coisa feita dos mesmos materiais que as fábricas, as minas e os caminhos de ferro, mas de um material bem mais maleável; pode modificar-se rapidamente sob os golpes da crise, sob o peso de milhões de desempregados.

Hoje o proletariado americano tira algumas vantagens do seu atraso político. Pode parecer paradoxal, mas é assim. Os trabalhadores europeus, por seu lado, conheceram uma longa tradição socialdemocrata, conheceram, conheceram a tradição do *Komintern*<sup>[2]</sup>, e essas tradições são forças conservadoras. Mesmo após numerosas traições, os trabalhadores continuam fiéis às suas organizações, porque essas organizações acordaram-nos pela primeira vez, porque lhes deram uma cultura política. Isso torna-se uma desvantagem quando se trata de adotar uma nova orientação. Os trabalhadores americanos têm uma vantagem: na sua grande maioria não estiveram organizados, e só agora começam a agrupar-se nos sindicatos. Isso dá ao partido revolucionário possibilidade de os mobilizar para enfrentar conjuntamente os golpes da crise.

A que velocidade se produzirão esses acontecimentos? Ninguém sabe: pode-se simplesmente dar a orientação geral que ninguém contesta. É somente depois que se põe a questão da apresentação do programa aos trabalhadores: naturalmente é uma questão muito importante; devemos aplicar à política o que sabemos de pedagogia e psicologia de massas, para construir uma ponte de acesso ao espírito dos trabalhadores.

Só pela experiência poderemos aprender neste domínio. Durante algum tempo devemos esforçarmo-nos por concentrar a atenção dos trabalhadores sobre um ponto preciso: a escala móvel dos salários e das horas de trabalho.

O empirismo dos trabalhadores americanos permitiu aos partidos políticos obter sucessos com uma ou duas ideias essenciais, como o imposto único, o bimetalismo<sup>[3]</sup>, etc... Essas ideias alastraram-se entre as massas como um rastilho de pólvora: quando as massas constatam que uma panaceia não vale nada, precipitam-se para outra.

Nós podemos hoje apresentar um remédio honesto, que não é demagógico, que é parte integrante do nosso programa e que corresponde absolutamente à situação presente.

As estatísticas oficiais anunciaram-nos 13 a 14 milhões de desempregados; na realidade devemos contar com 16 a 20 milhões. Os jovens em particular estão à miséria.

O sr. Roosevelt põe hoje o acento tônico nas obras públicas. Mas nós queremos que todos tenham trabalho, tanto nas obras públicas como nas minas, nos caminhos de ferro etc... Queremos que todos possam viver decentemente, a um nível em todos os casos igual aos dos dias de hoje e exigimos do sr. Roosevelt e do seu "brain trust"<sup>[4]</sup> que organizem o seu programa de obras públicas de maneira que toda a gente possa trabalhar com salários decentes. Isso é possível com a escala móvel de salários e das horas de trabalho. Por todo o lado, em todas as localidades, devemos refletir sobre a maneira de apresentar essas ideias. Depois devemos organizar uma campanha de agitação, de tal maneira que todos saibam o que é o programa do *Socialist Workers Party*. Penso que devemos concentrar a atenção dos trabalhadores nesse ponto. Evidentemente, não é o único, mas está integralmente adaptado à situação presente: os outros podem ser acrescentados à medida que essa ideia se apodera das massas. As burocracias se oporão. Se essa ideia se apoderar verdadeiramente das massas, as tendências fascistas se organizarão para responder. Então diremos que é necessário desenvolver os piquetes de autodefesa.

Penso que no início os trabalhadores farão sua esta reivindicação da escala móvel de salários e de horas de trabalho. Mas, no fundo, o que é esta reivindicação? Na realidade é a descrição do sistema de organização do trabalho na sociedade socialista. O número total de horas de trabalho a prestar dividida pelo número total de trabalhadores. Mas se apresentássemos de uma vez o sistema socialista, seríamos acusados de utopistas pelo americano médio, que nos dirá que são ideias importadas da Europa. Então apresentamos esse sistema como a solução da crise, que assegurará aos trabalhadores o seu direito e alimentarem-se, a viver em casas decentes em condições decentes: é o próprio programa socialista, mas na sua forma mais simples, mais próxima das massas.

**Pergunta: Como organizar a campanha por essa promessa?**

**Crux:** Poder-se-ia imaginar essa campanha do seguinte modo: vocês começariam a agitação, por exemplo em Minneapolis. Ganhariam um ou dois sindicatos para este programa. Depois enviariam delegados a outras cidades, a diferentes sindicatos. Desde o momento em que o programa tenha saído do partido para penetrar nos sindicatos, a batalha estaria meio ganha. Enviariam, então, delegados a Nova Iorque, a Chicago, aos mesmos sindicatos. Uma vez o sucesso assegurado, convocariam um Congresso especial. Isso obrigaria os burocratas sindicais a tomar posição, a favor ou contra: o debate será então público e proporcionará ocasiões magníficas para a propaganda.

**Pergunta: Esse programa pode ser realizado hoje?**

**Crux:** É mais fácil derrubar o capitalismo do que garantir efetivamente a escala móvel de salários e horas de trabalho no quadro do sistema capitalista. Nenhuma das nossas reivindicações será realizada nesse quadro, é por isso que lhes chamamos reivindicações transitórias: estabelecem uma ponte que nos permite atingir os trabalhadores, e uma verdadeira ponte para ir à Revolução Socialista. Toda a questão é saber como mobilizar as massas para o combate: a questão da divisão entre os trabalhadores e os desempregados, por exemplo, coloca-se nesse quadro. Devemos encontrar a maneira de superar essa divisão. A ideia de uma classe à parte, a classe dos desempregados, dos novos párias, é uma ideia que faz parte da preparação ideológica para o fascismo. Se a classe operária não conseguir superar essa divisão, sobretudo a nível sindical, o seu destino está traçado.

**Pergunta: Muitos camaradas não conseguem compreender porque essa reivindicação não pode ser satisfeita.**

**Crux:** É uma questão muito importante. Este programa não é a invenção de um homem. Ele decorre da longa experiência dos bolcheviques. Repito: este programa é a concretização da experiência coletiva dos revolucionários. É a aplicação dos velhos princípios à situação atual. É necessário não considerá-lo como definitivamente gravado no mármore, mas adaptá-lo à situação objetiva.

Os revolucionários consideram sempre as reformas e as conquistas como subprodutos da luta revolucionária. Se nos contentamos em reivindicar o que podemos obter, a classe dominante nos dará apenas

um décimo, ou nada. Se reclamarmos mais e estivermos dispostos a impor as reivindicações os capitalistas se verão obrigados a conceder-nos o máximo. Quanto mais combativos e exigentes forem os trabalhadores, mais se pode exigir e obter. As nossas reivindicações não são *slogans* estéreis, são meios de pressão sobre a burguesia. No passado, durante o período áureo do capitalismo americano, os trabalhadores obtiveram regalias pelo simples fato de se terem lançado empiricamente na luta, com um espírito muito militante.

A situação atual é muito diferente.

Os capitalistas não têm aberta à sua frente uma era de prosperidade. Não têm nenhum medo das greves, dado o número de trabalhadores que estão à espera de emprego. É por isso que o programa deve tentar unir as duas partes da classe operária, os trabalhadores e os desempregados. É o que faz precisamente a escala móvel dos salários.

19 de maio de 1938

Notas:

[1] Pseudônimo de Trotski.

[2] III Internacional [nota da edição]

[3] O *bimetallismo* é um sistema baseado na utilização de dois metais preciosos, tradicionalmente o ouro e a prata. [nota da edição]

[4] *Brain trust* é o nome dado a um grupo de economistas, advogados e intelectuais de grande renome que atuaram como conselheiros do presidente Roosevelt, assessorando nas políticas administrativas desenvolvidas durante o *New Deal*, para combater a Grande Depressão. [nota da edição]

---

***“Lutam eles (os comunistas) pela realização de objetivos e de interesses imediatos da classe operária, mas representam no movimento presente também o futuro do movimento.” (Lênin)***

### **Estratégia e Tática (Lenin Aprende de Clausewitz)**

Tony Cliff

O período de vinte anos entre 1894 e 1914 presenciou um enorme avanço na maturidade do movimento operário russo. Este desenvolvimento foi uma escola viva de tática e estratégia. Lênin cresceu junto com o movimento, influenciou-o e foi influenciado por ele. Essas duas décadas constituíram uma preparação longa, para ele e para a classe trabalhadora como um todo, para o maior teste, tanto da tática quanto da estratégia – a terrível carnificina da guerra e o seu término pela revolução. As lições mais intensivas deste período preparatório foram proporcionadas pela Revolução de 1905 e o período subsequente.

#### Marxismo, ciência e arte

Como afirmamos, quando a Revolução de 1905 eclodiu de maneira inesperada, Lenin estudou os escritos militares de Karl von Clausewitz, que o influenciaram consideravelmente na formulação de sua tática e estratégia política.

Clausewitz, o grande filósofo de guerra, que se inspirou em Napoleão, definia a tática como “a teoria do uso de forças militares em combate”, e a estratégia como “a teoria do uso do combate para o objetivo da guerra.” Lenin definiu a relação entre a tática revolucionária e a estratégia revolucionária em termos bem parecidos aos de Clausewitz. O conceito de tática se aplica a medidas que servem a uma única tarefa ou a um único setor ou ramo da luta de classes. Consequentemente, Lenin falava sobre táticas precisas, como durante os dias de janeiro de 1905 ou em relação a Gapon. Ele também falou sobre tática sindical, tática parlamentar, e assim por diante. A estratégia revolucionária abrange uma combinação de táticas que, por sua associação e crescimento, levam à conquista do poder pela classe trabalhadora.

A II Internacional, que surgiu durante o período de crescimento lento, orgânico e sistemático do capitalismo e do movimento operário, limitou-se na prática à questão da tática: as tarefas cotidianas por reformas nos sindicatos, no parlamento, nos governos locais, cooperativas, etc. O movimento revolucionário russo, que se desenvolveu em períodos tempestuosos, quando ao rumo dos acontecimentos frequentemente mudava com rapidez, teve que enfrentar a questão mais ampla da estratégia e a sua relação com a tática. Ninguém foi mais competente para desenvolver esta questão do que Lênin, que soube elevar o marxismo do nível de uma ciência para o nível de uma arte.

O marxismo é constantemente chamado de uma ciência, mas como um guia para ação, deve também ser uma arte. A ciência lida com o que existe, enquanto a arte nos ensina como agir. A contribuição principal de Lênin está no desenvolvimento do marxismo enquanto arte. Se Marx tivesse morrido sem ter participado da fundação da I

Internacional, ainda seria Marx. Mas a importância de Lênin não teria sido a mesma caso tivesse morrido sem construir o Partido Bolchevique, sem cumprir o papel dirigente na Revolução de 1905 e mais tarde em 1917, e sem ter fundado a Internacional Comunista.

Para avançar da teoria à prática, da ciência à arte, Lênin teve que demonstrar a relação dialética entre elas – o que é comum a ambas e o que distingue uma da outra.

Marx e Engels sempre enfatizaram que a teoria desenvolvida por eles “não é um dogma, mas um guia para a ação”, e ridicularizavam a simples memorização e repetição de ‘fórmulas’ que, no melhor dos casos, são capazes apenas de traçar *tarefas gerais*, as quais são necessariamente modificáveis pelas condições econômicas e políticas concretas de cada período particular do processo histórico.

Existe uma diferença enorme entre as *leis gerais* de movimento de sociedade e as condições históricas reais concretas, pois a vida é infinitamente mais complexa do que qualquer teoria abstrata. Com tantos fatores interagindo, apenas o conhecimento não proporciona nenhuma base para um conhecimento da realidade. Lênin adorava repetir: “A teoria, meu amigo, é cinzenta, mas verde é a eterna árvore de vida.” A realidade viva é sempre mais rica em desenvolvimentos, em probabilidades, em complicações do que qualquer conceito ou prognóstico teórico. Lênin zombava daqueles que transformavam o marxismo em um ícone: “Um ícone é algo para o qual você reza, diante do qual você se curva; mas um ícone não tem nenhum efeito na vida prática e na política prática”, Ele escreveu com amargura, em uma carta para Inessa Armand: “As pessoas, em sua maioria (99% da burguesia, 98% dos liquidacionistas, mais ou menos 60-70% dos bolcheviques) não sabem como pensar, elas só *decoram* as palavras”,

O obstáculo principal para uma compreensão não dogmática do marxismo, para seu uso como um guia para a ação, é a inclinação para substituir o abstrato pelo concreto. Isto é um dos erros mais perigosos, especialmente em uma situação pré-revolucionária ou revolucionária, quando o desenvolvimento histórico é irregular, cheio de saltos, recuos, e viradas bruscas.

Verdades abstratas não existem. A verdade é sempre concreta. [4]

“... qualquer verdade abstrata se torna uma frase vazia se for aplicada a *qualquer* situação concreta. É inquestionável que “toda a greve esconde a hidra da revolução social.” Mas é tolice pensar que podemos andar a passos largos diretamente de uma greve à revolução.” [5]

“... toda declaração histórica geral aplicada a um caso particular, sem uma análise especial das condições daquele caso particular, se torna uma frase vazia.” [6]

Ao mesmo tempo uma compreensão científica clara dos *contornos gerais* do desenvolvimento histórico da luta de classe é essencial para um dirigente revolucionário. Ele não será capaz de manter seu rumo e sua confiança através das mudanças e viragens da luta a menos que tenha um conhecimento geral de economia e política. Assim, Lenin repetia seguidamente que a estratégia e a tática devem estar baseadas “em uma avaliação exata da *situação objetiva*” [7], e ao mesmo tempo ser “modeladas após uma análise das relações de classe *em sua totalidade*.” Em outras palavras, devem ser baseadas em uma análise teórica clara e confiante – ou seja, na ciência.

O ceticismo teórico é incompatível com a ação revolucionária. “O importante é estar confiante de que o caminho escolhido é o correto, e esta confiança multiplicar por cem a energia e o entusiasmo revolucionários, o que pode realizar milagres.” [9]

Sem entender as leis de desenvolvimento histórico, não se pode manter uma luta persistente. Durante os anos de dureza e decepção, isolamento e sofrimento, os revolucionários não podem sobreviver sem a convicção de que suas ações são adequadas às exigências do avanço histórico. Para não se perder nos giros e viradas do longo caminho, deve-se permanecer firme ideologicamente. O ceticismo teórico e a firmeza revolucionária não são compatíveis. A força de Lênin estava na capacidade de sempre relacionar a teoria aos processos do desenvolvimento humano. Ele julgava a importância de cada noção teórica em relação às necessidades práticas. Do mesmo modo, testava cada passo prático em sua adequação à teoria marxista. Ele combinou de maneira perfeita a teoria e a prática. Segundo o historiador bolchevique M.N. Pokrovsky: “Você não achará em Lênin um único trabalho puramente teórico; cada um dos seus trabalhos tem um aspecto de propaganda.” [10]

Lênin acreditava na improvisação. Mas para que esta não degenere simplesmente em um impressionismo inconstante, deve estar integrada em uma *perspectiva geral* baseada em uma reflexão teórica clara. Prática sem teoria leva a incerteza e erros. Por outro lado, estudar o marxismo separadamente da luta significa divorciá-lo da sua razão principal – a ação. A prática é clarificada pela teoria revolucionária, e a teoria é verificada pela prática. As tradições marxistas são assimiladas pelos corações e mentes das pessoas somente através da luta.

A teoria é a generalização da prática do passado. Consequentemente, como Gramsci expôs tão bem, “as ideias não nascem de outras ideias, filosofias de outras filosofias; são expressões continuamente renovadas do desenvolvimento histórico real.” [11] Para adaptar-se a qualquer nova situação sem perder a sua própria identidade, é absolutamente necessária a unidade entre teoria e prática.

Lênin sabia que nenhuma organização revolucionária pode sobreviver sem um criativo laboratório ideológico. Ele

sempre procurou encontrar um eventual uso político para as suas pesquisas. Mas quando realmente se envolvia nessa tarefa, não hesitava em se ausentar durante meses da política prática, para mergulhar em estudos no Museu Britânico ou na Bibliothèque Nationale. [12]

O programa do partido – seus princípios básicos – toma como ponto de partida as potencialidades históricas da classe trabalhadora, quer dizer, deriva-se das condições materiais da sociedade em geral e, em particular, da posição que nela ocupa a classe trabalhadora. A estratégia e a tática, porém, tomam como ponto de partida não o mundo material como tal, mas a consciência dos trabalhadores. Se a consciência – que Marx chamou de superestrutura ideológica – refletisse diretamente a base material, nesse caso a tática e a estratégia poderiam ser derivadas diretamente do programa do partido. Porém, a derivação é na verdade indireta, complexa, influenciada pelas tradições e experiências dos trabalhadores, inclusive pelas atividades do próprio partido. Um partido revolucionário, em princípio, opõe-se ao sistema de salários, mas taticamente está longe de ser indiferente à luta dos trabalhadores por salários mais elevados.

Uma direção revolucionária precisa não só de uma compreensão da luta como um todo, mas precisa ser capaz de apresentar as bandeiras corretas em cada momento de virada. Estas não derivam simplesmente do programa do partido, mas devem estar adequadas às circunstâncias, sobretudo ao estado de espírito e o sentimento das massas, de forma que possam ser utilizadas para o avanço da classe trabalhadora. As bandeiras e slogans devem ser apropriados não só para a direção geral do movimento revolucionário, mas também para o nível de consciência das massas. Somente pela *aplicação* da linha geral do partido o seu valor real se tornar claro. A unidade orgânica entre a teoria geral e as táticas particulares estava no coração da luta e do estilo de trabalho de Lênin.

Sem um programa um partido não pode ser um organismo político integral capaz de perseguir a sua linha e seus objetivos diante de quaisquer mudanças na situação. Sem uma linha tática baseada em uma avaliação da situação política real, e sem proporcionar respostas claras aos problemas do nosso tempo, podemos ter um círculo de teóricos, mas não uma entidade política efetiva. [13]

O único meio para verificar a justeza de um plano estratégico, ou de uma tática, é pelo teste da prática, checando-o à experiência do desenvolvimento real da luta de classes:

“... decisões tomadas em relação à tática devem ser *verificadas*, tão frequentemente quanto possível, à luz dos novos acontecimentos políticos. Tal verificação é necessária tanto do ponto de vista da teoria quanto da prática: do ponto de vista da teoria, para averiguar se de fato as decisões tomadas são corretas, e que emendas às decisões políticas se tornam necessárias em função dos novos acontecimentos; do ponto de vista da prática, para aprender como usar as decisões como um guia adequado, aprender a considerá-las como diretivas para a aplicação prática.” [14]

Trotsky expressou a mesma ideia quando disse: “O preconceito bolchevique fundamental consiste justamente na ideia de que uma pessoa só aprende a montar um cavalo quando estiver firmemente sentado sobre um cavalo.” [15] Somente na própria luta pode se aprender a estratégia e a tática. Repetidamente Lênin citava Napoleão:

“*On s’engage et puis... on voit.*” Em tradução livre: “Primeiro tomemos parte de uma batalha séria, e então vejamos o que acontece.”

Na guerra, e especialmente na guerra de classes em um período revolucionário, os elementos desconhecidos que existem não só no campo inimigo, mas também no seu próprio campo, são tão numerosos que uma análise sóbria tem que ser acompanhada pela improvisação ousada, baseada amplamente na intuição e numa imaginação ativa e criativa.

O marxismo difere de todas as outras teorias socialistas pelo modo notável como combina a completa sobriedade científica na análise da situação real objetiva e o curso objetivo da evolução, com o reconhecimento mais enfático da importância da energia revolucionária, do gênio revolucionário criativo e a iniciativa revolucionária das massas – e também, é claro, de indivíduos, grupos, organizações e partidos que possuem um contato ativo com uma ou outra classe. [16]

Lênin enfatizava constantemente que era necessário ter consciência dos pensamentos e sentimentos das massas. Como Trotsky afirmou, “A arte de direção revolucionária em seus momentos mais críticos consiste nove décimos em saber como sentir o humor das massas. O maior poder de Lênin era a sua capacidade insuperável de detectar o sentimento das massas.” [17]

Somente na própria luta o partido pode descobrir o que as massas realmente pensam e são capazes de realizar. O marxismo não aceita nem o determinismo mecanicista, nem o fatalismo e nem o voluntarismo. Sua base é a dialética materialista e o princípio de que as massas descobrem suas próprias capacidades através da ação. Não existe nada em comum entre o realismo de Lênin e a passiva *Realpolitik*. Contra esta deve se contrapor, como Lenin afirmou, “a dialética revolucionária do realismo marxista, que enfatize as tarefas urgentes da classe avançada, e descubra no estado existente de coisas os elementos que levarão à sua subversão.” [18] Ele era ciente de que uma avaliação sóbria das forças reais é necessária, e que o próprio partido revolucionário é um fator central na correlação de forças. A audácia do partido dá confiança aos trabalhadores, enquanto a falta de resolução pode levar as massas à passividade e a sentimentos de depressão. O único caminho para determinar a correlação de forças, e a vontade das massas para lutar, é pela ação na qual o partido tem um papel dirigente.

Na medida em que a luta revolucionária se desenvolve e se modifica, é preciso cuidado para não ficar amarrado a táticas que perderam a eficácia e a utilidade. O erro mais perigoso e devastador que um dirigente revolucionário pode cometer é o de ficar preso a fórmulas que até ontem eram apropriadas, mas que já não são adequadas à nova correlação de forças de hoje. Isso ocorre com muita frequência, principalmente em momentos de viradas históricas bruscas. Mesmo partidos revolucionários se mostram momentaneamente incapazes de se adaptar à nova situação e continuam repetindo bandeiras que eram corretas anteriormente, mas que na nova situação perderam todo o sentido, de uma maneira tão brusca como se deu a virada história.

Na vida revolucionária, a questão do *timing* é crucial. Deve se determinar tão exatamente quanto possível o passo em que a revolução está se desenvolvendo. Sem isso, nenhuma tática realista é possível. Na realidade, a perspectiva que se tem em relação ao tempo dos acontecimentos nunca será absolutamente precisa, e se terá que introduzir, tão depressa quanto possível, a necessária correção no *timing*.

Para que a tática e a estratégia estejam ajustadas aos princípios gerais do partido, elas devem ser claras e diretas. Para que as massas possam entender a política do partido revolucionário, elas não devem ser inundadas com detalhes, distraindo a atenção do núcleo central da política do partido. A política do partido deve ser expressa em um número pequeno de slogans simples e claros. “Uma política direta é a melhor política. Uma política baseada em princípios é a política mais prática.” [19]

“Em uma análise final, a política ampla, de princípios, é a única política real, prática... Qualquer um que agarre os problemas parciais sem ter previamente situado os problemas gerais, se chocará inevitavelmente e a cada passo com aqueles problemas gerais, sem se dar conta disto. Chocar-se com eles cegamente em cada caso individual é conduzir a política à pior vacilação e falta de princípios.” [20]

“Uma linha de conduta pode e deve estar baseada na teoria, em referências históricas, em uma análise de toda situação política, etc. Mas em todas estas discussões o partido de uma classe engajado em uma luta nunca deve perder de vista a necessidade de oferecer respostas absolutamente claras – *que não permitam uma interpretação dupla* – para questões concretas de nossa conduta política: “Sim” ou “não”? Isto deve ser feito agora mesmo ou não?” [21]

Deve se calcular a relação de forças de maneira extremamente sóbria e realista e então, uma vez que uma decisão tenha sido tomada, agir de maneira decidida. “Não existe nenhum homem com menos coragem do que eu quando estou trabalhando em um plano militar”, assim escreveu Napoleão para o General Berthier. “Eu exagerei todos os perigos e todos os infortúnios possíveis... Quando minha decisão é tomada tudo é esquecido, exceto o que pode assegurar seu sucesso.”

Após fazer essa citação, Trotsky comenta,

“Com a exceção do inadequado termo “falta de coragem”, a essência deste pensamento se aplica perfeitamente a Lênin. Na decisão de um problema estratégico ele começava vestindo o inimigo com a sua própria resolução e capacidade de previsão. Os erros táticos de Lenin eram, na maior parte, subprodutos de seu poder estratégico.” [22]

A formulação de um projeto audacioso com base em premissas não favoráveis era uma característica de Lênin.

“Agarrando o elo principal”

Lênin nos mostra que na complexa cadeia da ação política se deve sempre identificar o elo central no momento em questão, a fim de agarrá-lo e dar uma direção à cadeia inteira.

“Cada questão ‘corre em um círculo vicioso’ porque a vida política como um todo é uma cadeia infinita que consiste em um número infinito de elos. Toda a arte da política está em encontrar e tomar, da maneira mais firme possível, o elo menos provável de ser tirado de nossas mãos, aquele que é o mais importante em um dado momento, aquele que, acima de tudo, garante a seu possuidor a posse de toda a cadeia.” [23]

Ele retornou com frequência a esta metáfora, e na prática sempre obedeceu à regra que ilustrava. Durante os períodos mais críticos, foi capaz de deixar de lado os fatores secundários e agarrar o fator central. Ele abandonava qualquer coisa que pudesse direta ou indiretamente desviá-lo do tema principal. Sobre isso Trotsky disse:

“... Quando o obstáculo crítico era felizmente clareado, Lênin ainda exclamaria: “E no entanto esquecemos de fazer isto ou aquilo (...).” Ou “Nós perdemos uma oportunidade porque nós estávamos preocupados demais com a questão principal (...).” Alguém lhe responderia: “Mas esta questão tinha sido colocada, e esta proposta foi feita, só você não quis escutar!” (...). “Não? Impossível! (...) eu não me lembro de nada.” Responderia Lênin.

A essa altura ele começaria a rir. Um riso malicioso de quem admitia a “culpa”. Faria um gesto característico de levantar o braço e deixá-lo cair, como se estivesse resignado: bem, não se pode fazer tudo... Esta sua “negligência” era apenas o reverso de seu talento para mobilizar, ao grau extremo, todas suas forças internas. Justamente este talento tornou-o o maior revolucionário da história.” [24]

Novamente Trotsky escreve:

“Vladimir Ilyich era frequentemente criticado por muitos camaradas, inclusive eu, por não prestar atenção a questões



secundárias e outros assuntos laterais. Eu devia pensar que em tempos de desenvolvimento lento e ‘normal’ isto poderia ser um defeito em um dirigente político. Mas nisto estava a preeminência do camarada Lênin como dirigente de uma nova época, na qual tudo que é secundário, tudo que é incidental e secundário permanece ao fundo, obscurecido, permanecendo apenas o básico e irreconciliável antagonismo de classes na forma aguda de guerra civil. Era o talento peculiar do Lênin, o qual possuía no mais alto grau, que com seu intenso olhar revolucionário pudesse enxergar e apontar aos demais o que era mais importante, mais necessário, e mais essencial. Aqueles camaradas que, como eu próprio, tiveram a chance de observar de perto a atividade de Lênin e a sua mente em ação, não podiam senão admirar entusiasticamente – sim, eu repito, admirar entusiasticamente – a perspicácia, a agudez de seu pensamento que rejeitava tudo que era externo, acidental, superficial, e atingia o centro da questão e compreendia os métodos essenciais de ação.” [25]

Ele cometeu erros táticos – em grande medida por causa da sua concentração sobre o elo essencial e por suas longas ausências do cenário da ação. Mas o outro lado da moeda era seu magnífico senso estratégico. A estratégia do partido era implacavelmente definida à distância, mesmo com erros táticos de avaliação.

Em princípio, Lênin estava certo quando insistia em “esticar o bastão” um dia em uma direção, outro na oposta. Se todos os aspectos do movimento operário se desenvolvessem igualmente, se o crescimento equilibrado fosse a regra, nesse caso o ato de “esticar o bastão” teria um efeito danoso ao movimento. Mas na vida real, predomina a lei do desenvolvimento desigual. Um aspecto do movimento é decisivo em um momento particular. O obstáculo principal para o avanço pode ser a falta de quadros partidários ou, pelo contrário, o conservadorismo dos quadros do partido pode levá-los a ficar na retaguarda da seção avançada da classe. Uma perfeita sincronização de todos os elementos tornaria desnecessário “esticar o bastão”, mas também tornaria supérflua a existência de um partido revolucionário ou de uma direção revolucionária.

#### Intuição e Coragem

A mais sóbria avaliação da situação objetiva não é o bastante para o desenvolvimento de uma estratégia e tática revolucionárias. Acima de tudo, um dirigente revolucionário deve ser dotado de uma intuição muito aguda.

Em uma situação revolucionária, quando os fatores desconhecidos e imponderáveis são muitos, e tudo está sujeito ao acaso e complicações, uma vontade forte não é suficiente. O que é necessário é a capacidade para entender rapidamente a totalidade da situação, distinguir o essencial do secundário, preencher as partes que faltam do quadro. Toda revolução é uma equação com muitos fatores desconhecidos. Consequentemente, um líder revolucionário tem que ser dotado de uma imaginação altamente realista.

A parte uma breve interrupção em 1905, Lênin passou no estrangeiro os 15 anos que precederam a revolução. Seu sentido de realidade, sua capacidade de sentir o humor dos trabalhadores, não diminuiu com o passar do tempo, mas aumentou. Sua imaginação realista estava enraizada numa profunda compreensão teórica, uma boa memória e pensamento criativo. Era alimentada por reuniões ocasionais com pessoas que iam encontrá-lo no exílio.

Sua intuição revolucionária era fantástica. Aqui está apenas um exemplo, mostrando como ele conseguiu visualizar toda uma situação política social a partir de uma única frase pronunciada por um trabalhador, frase que provavelmente teria passado despercebida por uma outra pessoa.

“Após as jornadas de julho, graças à atenção extremamente solícita com que o governo de Kerensky me honrou, fui obrigado a ir para a clandestinidade... Em uma casa de uma família em um subúrbio operário distante de Petrogrado, o jantar está sendo servido. A anfitriã põe pão na mesa. O anfitrião diz: ‘Olhe que pão bom. ‘Eles’ não ousam nos dar pão ruim agora. E quase desistimos até mesmo de pensar que um dia voltaríamos a ter bons pães em Petrogrado.’”

“Eu estava pasmo com esta avaliação de classe das jornadas de julho. Meus pensamentos estavam analisando o significado político daqueles eventos, pesando o seu papel no curso geral dos acontecimentos, analisando a situação que causou este zigue-zague na história e a situação que criaria, e como nós devíamos mudar nossos slogans e alterar nosso aparato partidário para adaptá-lo à nova situação. Com relação ao pão, sequer havia pensado a respeito. Eu tomava o pão como algo garantido...”

“Este membro da classe oprimida, porém, embora um dos trabalhadores bem pagos e bastante inteligente, agarra o touro pelos chifres com aquela simplicidade e franqueza surpreendente, com aquela determinação firme e clareza surpreendente de avaliação de que nós, intelectuais, estamos tão distantes quanto as estrelas no céu. O mundo inteiro é dividido em dois campos: “Nós”, as pessoas que trabalham, e “eles”, os exploradores. Não há uma sombra de embaraço sobre o que havia ocorrido. Era apenas uma das batalhas na longa luta entre o Trabalho e o Capital. Quando se derruba árvores, voam lascas.”

“Que coisa dolorosa é a ‘situação excepcionalmente complicada’ criada pela revolução”. É assim que o intelectual burguês pensa e sente.”

“Nós apertamos ‘eles’ um pouco. ‘Eles’ não ousam nos dominar como antes. Nós os apertaremos novamente – e os expulsaremos completamente”. É assim que o trabalhador pensa e sente.” [26]

Krupskaya estava absolutamente certa quando escreveu: “Ilyich sempre teve um instinto um tanto especial – uma compreensão profunda sobre o que a classe trabalhadora estava passando em um dado momento.” [27] A intuição é especialmente vital para apreender os sentimentos das massas nos momentos mais dramáticos da história, e nisso Lênin era excepcional. “A capacidade de pensar e sentir pelas e com as massas era uma característica que Lênin possuía no mais alto grau, especialmente nos grandes momentos políticos decisivos.” [28]

Uma vez que a decisão sobre certas táticas for tomada, o dirigente revolucionário não deve demonstrar nenhuma vacilação. Deve ter uma coragem suprema. E isso não faltava a Lênin. M.N. Pokrovsky descreve bem esta qualidade característica.

“Agora, examinando o passado, me parece que uma das características básicas de Lênin era a sua tremenda coragem política. A coragem política não é o mesmo que bravura e desafio do perigo. Entre revolucionários não têm faltado pessoas valentes sem medo da força ou dos cárceres da Sibéria. Mas essas mesmas pessoas tinham medo de assumir o fardo de tomar grandes decisões políticas. Era sempre claro que Lênin nunca temia assumir a responsabilidade pelas decisões, não importa que pesado. Neste aspecto ele nunca correu de qualquer risco e assumiu a responsabilidade por movimentos que envolviam não só a sua pessoa e o destino de seu partido, mas também o destino de todo o país e, em certo grau, o destino da revolução mundial. Este era um fenômeno tão peculiar que ele sempre teve que começar a sua ação com um grupo muito pequeno de pessoas, porque só muito poucos eram corajosos o suficiente para segui-lo desde o começo.” [29]

Muitos “marxistas” tentaram evitar a obrigação de alcançar decisões importantes, atribuindo ao marxismo uma natureza fatalista. Esta era a característica dos mencheviques. Em toda as crises, demonstraram dúvida, vacilação e medo. Uma revolução, porém, é o método mais impiedoso de resolver questões sociais. E a indecisão é a pior condição possível em uma época de revolução. Lênin foi o mais consistente de revolucionários. Era supremo em sua coragem de decisão, em sua prontidão para assumir a responsabilidade pelas ações mais importantes.

#### Sonho e Realidade

Para levar adiante e executar a estratégia e tática revolucionárias, deve-se ser não só um realista, mas também um sonhador. Muitos escritores descrevem Lênin como um realista e não como um romântico, e isso é uma injustiça. Não se pode ser um revolucionário sem a inspiração de um grande sonho.

“Existem distâncias e distâncias,” escreveu Pisarev sobre a distância que separa sonho e realidade. “Meu sonho pode correr à frente da marcha natural dos acontecimentos ou pode desprender-se pela tangente em uma direção que nenhuma marcha natural dos acontecimentos prosseguirá. No primeiro caso meu sonho não causará qualquer dano. Pode até apoiar e aumentar a energia dos trabalhadores... não há nada em tais sonhos que possa distorcer ou paralisar o poder dos trabalhadores. Pelo contrário, se os homens fossem completamente destituídos da capacidade de sonhar dessa maneira, se não pudessem de vez em quando correr adiante e conceber mentalmente, em um quadro inteiro e completo, o produto que suas mãos estão apenas começando a moldar, então não posso imaginar que estímulo haveria em induzir os homens a empreender e realizar um trabalho extenso e extenuante na esfera da arte, da ciência, esforços práticos... A distância entre sonhos e realidade não causa nenhum dano se somente a pessoa que sonha acredita seriamente em seu sonho, se observar atentamente a vida, se compara suas observações com os castelos erguidos no ar, e se, falando de modo geral, trabalha conscientemente para a realização de suas fantasias. Se existe alguma conexão entre os sonhos e a vida, então tudo está bem.” Este tipo de sonho existe, infelizmente, muito pouco em nosso movimento. E as pessoas mais responsáveis por isso são aqueles que ostentam suas visões sóbrias, sua “proximidade” com o “concreto”. [30]

Lênin subordinou sua própria veia romântica à necessidade de ação. Menosprezou o desinteresse da *intelligentsia* russa. Novamente, ele se referiu desdenhosamente a Oblomov, o herói da famosa novela de Goncharov, um “homem supérfluo”, sempre sonhando com grandes ações, mas muito preguiçoso e fraco para realizá-las.

Ferdinand Lassalle expressou bem o requisito fundamental da política revolucionária. “Toda grande ação começa com uma declaração do que é.” Lênin frequentemente costumava repetir em inglês, “Fatos são coisas teimosas.” O marxismo, disse, “toma posição a partir dos fatos, e não em possibilidades. Um marxista deve, como fundamento de sua política, colocar *apenas* fatos precisa e indiscutivelmente demonstráveis.” [31] Lênin sempre procurava a ponte entre o real e o possível. Ele não tinha medo de olhar diretamente o abismo entre a grandeza das tarefas que se colocavam diante do movimento, e a pobreza *real* do mesmo movimento. Seus pés estavam no chão, mas sua cabeça estava no céu.

#### O partido como escola de estratégia e tática

As questões de estratégia e tática revolucionárias tinham um significado para Lênin somente se a possibilidade de concretizá-las, através do partido revolucionário, fosse real. Ele via o partido como uma escola de estratégia e tática, uma organização de combate para a conquista do poder pela classe trabalhadora.

Como a direção revolucionária pode aprender das massas e saber o que elas pensam e sentem, se não for uma parte integral destas massas, escutando-as em seus locais de trabalho, nas ruas, nos lares, nos refeitórios? Para ensinar as massas,

a direção deve aprender com elas. Lênin acreditou nisso e praticou-o durante toda a sua vida.

O partido não deve ficar atrás da seção avançada da classe. Mas ele não deve estar tão distante a ponto de ficar fora de alcance. Deve estar enraizado na linha de frente:

“Para ser bem sucedido, todo trabalho revolucionário sério exige que a ideia de que os revolucionários devem cumprir o papel de vanguarda da classe verdadeiramente viril e avançada dever ser compreendido e traduzido em ação. Uma vanguarda realiza sua tarefa como vanguarda somente quando for capaz de evitar o seu isolamento em relação à massa de pessoas que dirige e ser realmente capaz de fazer avançar o conjunto das massas.” [32]

A necessidade de um partido revolucionário, como já assinalamos, é um reflexo do nível desigual da consciência na classe trabalhadora. Ao mesmo tempo, porém, a partido existe para apressar a superação desta desigualdade, elevando ao máximo o nível de consciência. A adaptação à consciência média ou ao nível mais baixo de consciência da classe faz parte da natureza de oportunismo. A independência e o isolamento organizativo em relação ao setor mais avançado do proletariado, por outro lado, é a estrada para sectarismo. Elevar o setor avançado ao nível mais elevado possível sob as circunstâncias prevalentes – este é o papel de um partido realmente revolucionário.

Para aprender com as massas, o partido deve também ser capaz de aprender de seus próprios erros, ser bastante autocrítico.

“A atitude do partido político em relação aos seus próprios enganos é uma das maneiras mais importantes e seguras de julgar o quão sério é o partido e como realiza *na prática* as suas obrigações junto à sua *classe* e os *trabalhadores*. Reconhecendo sinceramente um erro, averiguando as *razões* do erro, e discutindo de que maneira retificá-lo – esta é a legitimidade de um partido sério. É como deve desempenhar seus deveres e como deve educar e treinar a sua *classe*, e então as *massas*.” [33]

“O partido de combate da classe avançada não precisa temer erros. O que deve temer é a persistência em um engano, a recusa em admitir e corrigir um erro por causa de uma falsa sensação de vergonha.”

As massas devem ser envolvidas na correção dos erros do partido. Deste modo, em 21 de janeiro 1905, Lênin escreveu:

“Nós, socialdemocratas, recorremos ao segredo em relação ao Czar e seus cães de guarda, enquanto lamentamos que as pessoas deveriam saber tudo sobre nosso partido, sobre as opiniões existentes em seu interior, sobre o desenvolvimento de seu programa e política, que eles deveriam conhecer até o que este ou aquele delegado do Congresso de Partido disse no Congresso em questão.” [35]

O debate aberto é ainda mais vital e essencial durante um período de luta revolucionária direta, como Lênin escreveu em um folheto em 25-26 de abril de 1906.

“Em uma época revolucionária como esta, todos os erros teóricos e divergências táticas do partido são criticadas de maneira mais impiedosa pela própria experiência, que ilumina e educa a classe trabalhadora com rapidez sem precedentes. Em tal época, o dever de todo socialdemocrata é se esforçar para assegurar que a luta ideológica dentro do partido em questões de teoria e de tática seja conduzida da maneira mais aberta, extensa e livre possível, mas sem criar obstáculo, em hipótese alguma, à unidade da ação revolucionária do proletariado socialdemocrata.” [36]

Ele repetiu de maneira urgente que o debate não deveria ser limitado aos círculos internos do partido, mas deveria ser realizado publicamente, para que as pessoas de fora do partido pudessem acompanhar.

“A enfermidade séria de nosso partido são as dores crescentes de um *partido de massas*. Pois não pode haver nenhum partido de massas, nenhum partido de classe, sem clareza das diferenças essenciais, sem luta aberta entre as várias tendências, sem informar as *massas* sobre quais líderes e organizações do partido estão seguindo esta ou aquela linha. Sem isto, um partido merecedor deste nome não pode ser construído.” [37]

Novamente:

“A crítica dentro dos limites dos *princípios* do programa do partido deve ser bastante livre (lembramos ao leitor sobre o que Plekhanov disse acerca deste assunto no II Congresso do RSDLP) não só nas reuniões de partido, mas também em reuniões públicas. Tal crítica ou “agitação” (pois a crítica é inseparável da agitação) não pode ser proibida.” [38]

“Existe uma relação dialética entre a democracia interna do partido e as raízes do partido na classe. Sem uma política de classe correta e um partido composto de proletários, não existe nenhuma possibilidade de uma democracia partidária saudável. Sem uma firme base operária, toda conversa de democracia e disciplina no partido é verbosidade sem sentido. Ao mesmo tempo, sem democracia partidária, sem autocrítica constante, é impossível o desenvolvimento de uma correta política de classe.”

“Já declaramos mais de uma vez nossa visão teórica sobre a importância da disciplina e em como este conceito deve ser entendido no partido da classe trabalhadora. Nós a definimos como: *Unidade de ação, liberdade de discussão e crítica*. Só tal disciplina é merecedora do partido democrático da classe avançada.” [39]

“(…) o proletariado não reconhece a unidade de ação sem a liberdade para discutir e criticar.” [40]

Se a democracia é essencial para que possamos assimilar a experiência da luta, o centralismo e a disciplina são necessários para dirigir a luta. A coesão organizativa firme possibilita ao partido agir, tomar iniciativas, dirigir a ação das

massas. Um partido que não tem confiança nele mesmo não pode conquistar a confiança das massas. Sem uma direção de partido forte, com poder para agir prontamente e dirigir as atividades dos militantes, não pode haver um partido revolucionário. O partido é uma organização centralizada que leva uma luta determinada pelo poder. Como tal, o partido necessita de uma disciplina de ferro na ação.

#### Clausewitz sobre a Arte da Guerra

No princípio deste capítulo dissemos que o conceito de Lênin sobre estratégia e tática estava profundamente influenciado pelos escritos de Clausewitz. É necessário apenas citar Clausewitz para perceber uma semelhança surpreendente tanto na formulação quanto na atitude.

Clausewitz começa o seu livro “Sobre a Guerra” argumentando que existe uma diferença radical entre o conceito abstrato de guerra e as guerras concretas reais. A guerra real é diferente de guerra abstrata, diz Clausewitz, porque as condições idealizadas nunca se realizam. Os acontecimentos são governados não só pela simples causalidade, mas pela interseção de cadeias diferentes de causas e efeitos. O acaso desempenha um grande papel, os fatores psicológicos são importantes para determinar as decisões tomadas pelos homens. E assim por diante. Clausewitz classifica todas estas circunstâncias sob o termo “fricção”, uma referência óbvia ao conceito análogo da física que explica a discrepância entre processos mecânicos reais e idealizados. Só levando em conta a “fricção” é que se pode apreender a relação entre a guerra real e a abstrata, entre experiência e teoria. Esta é a fonte da “diferença entre a realidade e a concepção” da guerra e “a influência de circunstâncias particulares”. [41]

Para trazer o conceito em linha com o mundo real, é preciso “recuar nos resultados correspondentes de experiência; pois da mesma maneira que muitas plantas só carregam frutos quando não crescem demais, também nas artes práticas as folhas e flores teóricas não devem ser feitas para brotar demasiado longe, mas devem se manter perto da experiência, que é o seu solo adequado.” [42]

A arte da guerra depende de muitas ciências – física, geografia, psicologia, etc. –, mas não obstante é uma *arte*. O grande líder de uma guerra é aquele que consegue aprender como usar estas ciências para a tarefa específica de esmagar o inimigo. Por causa da complexidade da guerra, o comandante precisa, acima de tudo, de experiência e força de vontade, de um lado, e de intuição e imaginação, de outro.

“... Toda guerra é rica em fatos particulares, enquanto ao mesmo tempo cada um deles é um mar inexplorado, cheio de rochas sobre as quais o general pode ter uma suspeita, mas as quais ele nunca viu com seus próprios olhos, e que, além disso, devem ser contornadas durante a noite. Se um vento contrário também surgir, isto é, se qualquer grande evento accidental mostrar-se como uma adversidade, então torna-se necessária a mais consumada habilidade, presença de mente e energia... O conhecimento desta fricção é uma parte essencial da tão falada experiência em guerra, que se exige de um bom general. (...) Mas um general deve ter ciência de que pode superá-la, deve saber onde isto será possível, e que não pode esperar um grau de precisão nos resultados(...) Além disso, nunca pode ser teoricamente aprendido.” [43]

Clausewitz formulou muito bem a relação entre tática e estratégia.

“A estratégia é o emprego da batalha para ganhar o fim da guerra. Deve, portanto, proporcionar uma meta para toda a ação militar, e que deve estar em conformidade com o objeto da guerra. Em outras palavras, a estratégia forma o plano da guerra, e para este fim ela vincula as séries de atos que levarão à decisão final, quer dizer, faz os planos para as campanhas separadas e regula os combates para serem travados. Como todas estas coisas, em grande medida, só podem ser determinadas em conjeturas, algumas das quais incorretas, enquanto vários outros arranjos relacionados a detalhes não podem ser feitos antecipadamente, segue, como de costume, que a estratégia deve ir com o exército para o campo de batalha para organizar pormenores naquele mesmo lugar, e fazer as modificações no plano geral que são incessantemente necessárias em uma guerra. A estratégia nunca pode deixar de operar por um momento sequer.” [44]

A tática deve ser subordinada à estratégia. Uma série bem sucedida de movimentos táticos pode, porém, necessitar de uma mudança na estratégia.

“(...) o grande ponto é manter as relações predominantes de ambos os partidos à vista. Fora deles um centro de gravidade, um centro do poder e de movimento se formará, do qual tudo depende. E contra este centro de gravidade do inimigo, o golpe concentrado de todas as forças deve ser dirigido.”

“O pequeno sempre depende do grande, o que é sem importância do importante, e o accidental do essencial. Isto deve guiar nossa visão.” [45]

“(...) A superioridade no ponto decisivo é uma questão de importância capital e (...) este tema, na generalidade de casos, é decididamente o mais importante de todos. ‘

A mente não dogmática de Clausewitz possibilitou-o de apreender claramente a relação entre o modelo idealizado e a realidade que se pretende representar. Entendeu as relações orgânicas entre teoria e prática no desenvolvimento de ambos. Ele sublinhou a conexão entre as ciências cuja adaptação é necessária para direção bem sucedida em guerra, e a arte de guerra. Acima de tudo, entendeu a grande importância do gênio da intuição apoiada por uma noção conceitual científica clara.

As ideias de Clausewitz influenciaram os escritos militares de Frederick Engels, e ambos – Clausewitz e Engels – influenciaram muito Lênin. A genialidade de Lênin está no fato de que estes conceitos de tática e estratégia, com sua integração complexa de experiência, ciência e arte, não só se tornaram parte de seu pensamento, mas também penetraram em seu sangue. Instintiva e rapidamente Lênin desenvolveu a estratégia e tática mais efetivas, e a sua força de vontade esteve à altura de seu intelecto.

A sua capacidade enquanto estrategista e tático floresceu durante a revolução de 1905, e demonstrou a sua força e maestria doze anos depois, com a vitória da Revolução de outubro de 1917.

## Notas

1. Lenin, **Collected Works**, vol.24, p.43.
2. **ibid.**, vol.30, p.356.
3. **ibid.**, vol.35, p.131.
4. **ibid.**, vol.9, p.86.
5. **ibid.**, vol.7, p.65.
6. **ibid.**, vol.27, p.48.
7. **ibid.**, vol.26, p.135.
8. **ibid.**, p.56.
9. **ibid.**, vol.9, p.103.
10. **Molodaia gvardiia**, Fevereiro-Março 1924, p.248.
11. Gramsci, **op. cit.**, p.201.
12. Em suas reminiscências, M.N. Pokrovsky relata como os bolcheviques em 1908 enviaram uma delegação a Lenin, da qual ele mesmo fazia parte, pedindo-lhe para desistir de seus estudos filosóficos e retornar à política prática. Lenin, porém, recusou. Ver I. Deutscher, **Stalin**, London 1949, p.116.
13. Lenin, **Collected Works**, vol.17, p.280.
14. **ibid.**, vol.9, p.146.
15. Trotsky, **Terrorism and Communism**, University of Michigan Press 1961, p.101.
16. Lenin, **Collected Works**, vol.13, p.36.
17. Trotsky, **History of the Russian Revolution, op. cit.**, p.138.
18. Lenin, **Collected Works**, vol.9, p.149.
19. **ibid.**, vol.12, p.22.
20. **ibid.**, p.489.
21. **ibid.**, vol.9, p.262.
22. Trotsky, **History of the Russian Revolution, op. cit.**, p.978.
23. Lenin, **Collected Works**, vol.5, p.502.
24. Trotsky, **On Lenin**, London 1971, pp.124-5.
25. **ibid.**, pp.193-4.
26. **Can the Bolsheviks retain state power?**, in Lenin, **Collected Works**, vol.26, p.120.
27. Krupskaya, **op. cit.**, p.106.
28. Trotsky, **Diary in Exile**, London 1958, p.81.
29. T. Deutscher, ed., **Not by Politics Alone**, London 1973, p.71.
30. Lenin, **Collected Works**, vol.5, pp.509-10.
31. **ibid.**, vol.35, p.242.
32. **ibid.**, vol.33, p.227.
33. **ibid.**, vol.31, p.57.
34. **ibid.**, vol.26, p.58.
35. **ibid.**, vol.8, p.523.
36. **ibid.**, vol.10, pp.310-1.
37. **ibid.**, vol.13, p.159.
38. **ibid.**, vol.10, pp.442-3.
39. **ibid.**, vol.11, p.230.
40. **ibid.**, vol.11, p.321.
41. Carl von Clausewitz, **On War**, London 1971, pp.164-5.
42. **ibid.**, p.91.
43. **ibid.**, p.166.
44. **ibid.**, p.241.
45. **ibid.**, p.389.
46. **ibid.**, p.266.

## TÁTICA E ESTRATÉGIA EM 3 MOMENTOS DA REVOLUÇÃO RUSSA. ABAIXO UM EXTRATO DO TEXTO “LIÇÕES DE OUTUBRO” DE TROTSKY

### As jornadas de julho, a sublevação de Kornilov, a conferência democrática e o pré-parlamento

As decisões da conferência de Abril, embora tenham dado ao partido uma base justa, não liquidaram as divergências de cúpula na direcção. Pelo contrário, essas divergências, no decurso dos acontecimentos, viriam a revestir formas ainda mais concretas, atingindo a sua maior acuidade no momento mais grave da revolução, as jornadas de julho.

A tentativa de organizar uma demonstração em 10 de Junho, sugerida por Lenine, foi condenada c. mo uma aventura pelos bolcheviques que tinham. reprovado o carácter da manifestação de Abril. Por ter sido proibida pelo Congresso dos soviets, não teve lugar a manifestação de 10 de Junho. Porém, a 18 de Junho, o Partido desforrou-se: a demonstração geral de Petrogrado organizada pela iniciativa, bastante prudente aliás, dos conciliadores, efectuou-se quase que inteiramente sob as palavras de ordem bolcheviques. O governo tentou, contudo, levar a melhor: empreendeu uma ofensiva estúpida na frente. O momento era decisivo. Lenine precaveu o Partido contra as imprudências, escrevendo, a 21 de Junho na *Pravda*: «Camaradas, na hora actual, não seria racional intervir. É preciso que transpunhamos. agora, uma nova etapa na nossa revolução.»

Com as jornadas de Julho, assinala-se um importante momento na via da revolução e do desenvolvimento das divergências no interior do Partido. Nestas jornadas a pressão espontânea das massas petersburguesas desempenhou um papel decisivo. Não há dúvida, porém, de que Lenine perguntava então. lá para consigo, se não seria já a altura, se o estado de espírito das massas não ultrapassara a superestrutura soviética e não nos arriscávamos, hipnotizados pela legalidade soviética, a ficar em atraso com relação às massas, destacando-nos delas. É muito provável que, durante as jornadas de Julho, certas operações puramente militares tivessem tido lugar por iniciativa de camaradas sinceramente persuadidos de que não estavam em desacordo com Lenine, ria forma de apreciar a situação. Mais tarde, Lenine dizia: «Em Julho, fizemos asneiras que fartam.» Na realidade, também dessa vez a questão se reduziu a um reconhecimento, porém de mais vasta envergadura e numa etapa mais avançada do movimento. Tivemos que bater em retirada.

Preparando-se para a insurreição e para a tomada do poder, Lenine e o Partido não viram na intervenção de Julho mais do que um episódio em que pagamos a peso de ouro o reconhecimento profundo efectuado entre as forças inimigas, mas que não podia fazer desviar a linha geral da nossa acção. Pelo contrário, os camaradas hostis à política da tomada do poder viam no episódio de Julho uma aventura prejudicial. Os elementos da direita reforçaram a sua mobilização; a sua crítica tornou-se mais categórica, mudando, por conseguinte, o tom da resposta. Lenine escrevia: “Todas estas lamentações e reflexões tendentes a provar que não era necessário participar, provêm de renegados, se emanam dos bolcheviques. ou são manifestações de horror e confusão, habituais nos pequenos burgueses”. A palavra renegado, proferida em tal momento, iluminava com uma trágica claridade as divergências no Partido. Viria a surgir cada vez mais freqüentemente.

A atitude oportunista na questão do poder e da guerra, não-determinava evidentemente uma atitude análoga para com a Internacional. Os direitistas tentaram levar o Partido a participar na conferência dos social-patriotas de Estocolmo. A 16 de Agosto Lenine escrevia: “Os bolcheviques, fiéis ao seu Partido e aos seus princípios, não podem deixar de reprovam o discurso de Kamenev no Conselho Executivo Central, a 6 de Agosto, a respeito da conferência de Estocolmo”. Mais adiante, a propósito duma frase na qual se dizia que a bandeira revolucionária começava a flutuar em Estocolmo. Lenine escrevia; «Trata-se de uma declaração oca, no espírito das de Tchernov e Tseretelli; é uma mentira revoltante. A bandeira que começa a flutuar em Estocolmo não é a bandeira revolucionária, mas sim a das transacções, dos acordos, da anistia dos social-imperialistas e das negociações dos banqueiros para a partilha dos territórios anexados.»

Em direcção a Estocolmo chegava-se, na realidade, à II Internacional. De igual forma, com a participação no pré-Parlamento, acabava-se na república burguesa. Lenine pronunciou-se pelo boicote da conferência de Estocolmo, tal como defendeu, mais tarde, o do pré-Parlamento. Mesmo no auge da luta, nunca se esqueceu, um instante que fosse, da tarefa de criação duma nova Internacional, duma Internacional Comunista.

Já em 10 de Abril Lenine intervém para pedir a modificação do nome do Partido. As objecções que lhe são feitas, aprecia-as assim: «Esses são os argumentos da rotina, do entorpecimento e da passividade». E insiste: «Já é tempo de despirmos a camisa suja e vestir roupa lavada.» Contudo, a resistência nas esferas dirigentes foi tão forte que teve de se esperar um ano até que o Partido se decidisse a mudar de nome, voltando às tradições de Marx e Engels. Este episódio é característico do papel de Lenine durante todo o ano de 1917: na viragem mais brusca da história, não deixa de travar uma luta implacável contra o dia de ontem, pelo dia de amanhã. E a resistência de ontem, que se manifesta sob a bandeira da tradição, atinge por momentos uma extrema acuidade.

A sublevação de Kornilov, que provocou uma viragem sensível a nosso favor, atenuou temporariamente os desacordos, embora não os fizesse desaparecer. A certa altura, no terreno da defesa da revolução e, em parte, da pátria, manifestou-se entre a direita uma tendência para a aproximação do Partido e da maioria soviética. Lenine reagiu no começo de Setembro, na sua carta ao Comité Central: «Estou profundamente convencido de que admitir o ponto de vista da defesa nacional ou (como certos bolcheviques) chegar a fazer bloco com os s. - r., a ponto de sustentar o Governo Provisório, é o mais grosseiro dos erros, pelo qual se dá prova ao mesmo tempo de uma absoluta falta de princípios. Só nos tornaremos defensores *depois* da tomada do poder pelo proletariado. . .» E, mais adiante: “Mesmo agora, não devemos sustentar o governo de Kerenski. Seria faltar aos princípios. Mas então, dir-se-á, não tem de se combater Kornilov? Certamente que sim. Mas entre combater Kornilov e sustentar Kerenski há uma diferença, um limite, que certos bolcheviques trans-põem, caindo no ‘conciliacionismo’, deixando-se arrastar na torrente de acontecimentos”.

A Conferência Democrática (14-22 de Setembro) e o pré-Parlamento a que deu origem, assinalaram uma nova etapa no desenvolvimento das divergências. Mencheviques e s. - r. procuravam ligar-se aos bolcheviques através da legalidade parlamentar burguesa. A direita bolchevique simpatizava com esta tática. Já vimos como os direitistas concebiam o desenvolvimento da revolução: os sovietes transferiam progressivamente as suas funções para as instituições qualificadas (municipalidades, zemstvos, sindicatos e, finalmente, Assembleia Constituinte), abandonando, por isso mesmo, a cena política. Pela via do pré-Parlamento, o pensamento político das massas deveria encaminhar-se para a Assembleia Constituinte, coroamento da revolução democrática. Ora, os bolcheviques já estavam em maioria nos sovietes de Petrogrado e de Moscovo; a nossa influência no exército crescia de dia para dia. Já não se tratava de prognósticos, nem de perspectivas, mas da escolha da via pela qual seria necessário enveredar.

A conduta dos partidos conciliadores na Conferência Democrática foi de uma baixa lamentável. No entanto, a nossa proposta de abandono ostensivo da conferência, onde nos arriscávamos a ficar atolados, colidia com uma resistência categórica dos elementos de direita, dispondo ainda de uma grande influência na direcção do nosso Partido. As colisões neste caso serviram de introdução à luta sobre a questão do boicote do pré-Parlamento. A 24 de Setembro, quer dizer, depois da Conferência Democrática, Lenine escrevia: «Os bolcheviques deviam retirar-se em sinal de protesto, a fim de não caírem na armadilha pela qual a Conferência procura desviar a atenção popular das questões

sérias.»

Apesar do seu campo restrito, os debates na fracção bolchevique à Conferência Democrática, respeitantes à questão do boicote do pré-Parlamento, tiveram uma importância excepcional. Representaram, realmente, a mais vasta tentativa dos direitistas no sentido de instigar o Partido a enveredar pelo “acabamento da revolução democrática”. Provavelmente, não se fez o relatório estenográfico destes debates; em todo o caso, que eu saiba, não se encontrou até agora uma única nota do secretário. A redacção desta colectânea descobriu nos meus papéis alguns materiais extremamente restritos sobre o assunto. Kamenev desenvolveu a argumentação eposta mais tarde, com mais violência e nitidez, na carta de Kamenev e de Zinoviev às organizações do Partido (11 de Outubro). Noguine foi quem mais logicamente pôs a questão. «O boicote do pré-Parlamento», dizia ele, «é, em resumo, um apelo à insurreição, quer dizer, à repetição das jornadas de Julho. Só porque se chama pré-Parlamento, ninguém ousaria boicotar tal instituição.»

A concepção essencial dos direitistas era que a revolução conduzia inevitavelmente dos soviets ao parlamentarismo burguês, representando o pré-Parlamento uma etapa natural nesta via; e que, a partir do momento em que nos dispúnhamos a ocupar os bancos da esquerda no parlamento, não havia motivo para nos recusarmos a participar. Era preciso, segundo se supunha, completar a revolução democrática e «preparar» a revolução socialista. Mas preparar, como? Através da escola do parlamentarismo burguês; com efeito, os países avançados são para os retardatários a imagem do seu desenvolvimento. A queda do czarismo concebia-se revolucionariamente, tal como se produzira na realidade; mas a conquista do poder pelo proletariado concebia-se parlamentar-mente, na base da democracia acabada. Entre a revolução burguesa e a proletária deviam mediar longos anos de regime democrático. A luta pela participação no pré-Parlamento era uma luta pela «europeização» do movimento operário, pela sua canalização, o mais rapidamente possível, no seio da «luta» democrática «pelo poder», quer dizer, no seio da social-democracia. A nossa fracção à Conferência Democrática contava com mais de cem membros, não se distinguindo em nada de um Congresso de Partido, sobretudo nesta época. Uma boa metade desta fracção pronunciou-se pela participação no pré-Parlamento. Por si só, este facto era já de natureza a suscitar sérias inquietações; com efeito, Lenine não deixa de tocar a rebate a partir daí.

Na altura da Conferência Democrática, Lenine escrevia: «Comportar-nos para com a Conferência Democrática como para com o parlamento seria um erro enorme da nossa parte, uma manifestação de cretinismo parlamentar sem paralelo, pois, ainda que se proclamasse parlamento soberano da revolução, a Conferência nada decidiria: a decisão é exterior, pertence aos bairros operários de Petrogrado e Moscovo.» Qual era a opinião de Lenine sobre a participação no pré-Parlamento é o que revelam as suas numerosas declarações e, em particular, a carta de 29 de Setembro ao Comité Central, onde fala de «erros revoltantes dos bolcheviques, tais como a vergonhosa decisão de participar no pré-Parlamento». Para ele tal decisão era uma manifestação de ilusões democráticas no decurso da luta e de erros pequeno-burgueses que nunca deixara de combater. Não é verdade que longos anos separem a revolução burguesa da proletária. Não é verdade que a única ou principal escola de preparação para a conquista do poder, seja a do parlamentarismo. Não é verdade que a via em direcção ao poder passe necessariamente pela democracia burguesa. Isso são abstrações inconsistentes e esquemas doutrinários cujo resultado é tão-só acorrentar a vanguarda, fazendo dela, por intermédio do mecanismo estatal «democrático», a oposição, a sombra política da burguesia; são manifestações de social-democracia. É preciso dirigir a política do proletariado, não de acordo com esquemas escolares, mas pelo fluxo real da luta de classes. O que é preciso, não é entrar para o pré-Parlamento, mas sim organizar a insurreição, arrancando o poder ao adversário. O resto virá por acréscimo. Lenine chegava a propor a convocação de um Congresso do Partido extraordinário, cuja plataforma deveria ser o boicote do pré-Parlamento. A partir daí, todos os artigos e cartas desenvolvem, exclusivamente o pensamento seguinte: o que é preciso, não é passar pelo pré-Parlamento, mas descer à rua, a fim de travar a luta pelo poder.

---

### **AGITAÇÃO, PROPAGANDA E ORGANIZAÇÃO**

“Como já havia assinalado, na terminologia marxista há uma aguda distinção entre propaganda e agitação, uma distinção que não é tal na linguagem popular. As pessoas comumente descrevem como propaganda algum tipo de publicidade, agitação, ensinamentos, propagação de princípios, etc. Na terminologia do movimento marxista, como foi definida mais precisamente por Plekhanov, agitação e propaganda são duas formas distintas de atividade. Ele define a propaganda como a difusão de muitas idéias fundamentais a umas poucas pessoas, o que nós possivelmente nos Estado Unidos estamos acostumados a chamar de educação. Define agitação como a difusão de umas poucas idéias, ou de uma só idéia a muita gente. A propaganda se dirige a vanguarda; a agitação para as massas” **(A História do Trotskismo Norte-Americano - J. P. Cannon)**

“pensávamos (com Pekhânov e todos os dirigentes do movimento operário internacional) que um propagandista, ao tratar por exemplo do problema do desemprego, deve explicar a natureza capitalista das crises, mostrar o que as torna inevitáveis na sociedade moderna, mostrar a necessidade da transformação dessa sociedade em sociedade socialista etc. Em uma palavra, deve fornecer "muitas idéias", um número tão grande de idéias que, de momento, todas essas idéias tomadas em conjunto apenas poderão ser assimiladas por um número (relativamente) restrito de pessoas. Tratando da mesma questão, o agitador tomará o fato mais conhecido de seus ouvintes, e o mais palpitante, por exemplo uma família de desempregados morta de fome, a indignação crescente etc., e apoiando-se sobre esse fato conhecido de todos, fará todo o esforço para dar à "massa" uma única idéia": a da contradição absurda entre o aumento da riqueza e o aumento da miséria; esforçar-se-á para suscitar o descontentamento, a indignação da massa contra essa injustiça gritante, deixando ao propagandista o cuidado de dar uma explicação completa dessa contradição. Por isso, o propagandista age principalmente por escrito, e o, agitador de viva voz. Não se exige de um propagandista as mesmas qualidades de um agitador. Diremos que Kautsky e Lafargue, por exemplo, são propagandistas, enquanto Bebel e Guesde são agitadores (*que fazer?*)

### Texto: Lênin Como Propagandista A. Pankratova

#### A Concepção Leninista da Propaganda e da Agitação

EM todas as etapas da luta histórica do proletariado pela derrubada do mundo de exploração e pelo socialismo, a propaganda das idéias do marxismo-leninismo teve um papel extraordinário.

Nos anos de 1890-1900, quando a classe operária da Rússia entrou no cenário da história com sua grande luta libertadora, Lênin viu a propaganda da doutrina de Marx e Engels como a tarefa mais importante da socialdemocracia russa. Lênin escreveu então:

"Os socialdemocratas russos vêem como sua tarefa, antes de tudo, "propagar" a doutrina do socialismo científico, difundir entre os operários conceitos justos sobre a ordem social e econômica contemporânea, sobre suas bases e seu desenvolvimento, sobre as diversas "classes" da sociedade russa, sobre suas relações, sobre a luta dessas classes entre si, sobre o papel da classe operária nesta luta, sobre sua atitude para com as classes que degeneram e as que se desenvolvem, para com o passado e o futuro do capitalismo, sobre a tarefa histórica da socialdemocracia internacional e da classe operária russa"<sup>(1)</sup>.

De acordo com o conteúdo da propaganda Lênin define também o conteúdo da agitação.

Lênin diz que o **propagandista deve dar muitas ideias, que serão assimiladas por algumas pessoas. O agitador, falando da mesma questão, deve dar à massa uma só ideia.** Quando, por exemplo, o **propagandista** fala sobre o desemprego, deve explicar aos operários a natureza das crises, a razão da sua inevitabilidade no mundo capitalista, descrever a necessidade de converter a sociedade capitalista em uma sociedade socialista, etc. **O agitador**, ao falar sobre o desemprego abordará somente um problema qualquer, por exemplo, um caso de uma família de operários desempregados, mortos de fome, e com este ou outros exemplos tentará produzir nas massas a indignação contra a injusta ordem capitalista, deixando a explicação completa desses casos para os propagandistas.

Lênin mostrou mais de vez que **não se pode desligar o trabalho teórico dos de propaganda, de agitação e organização.** Assim, a agitação, ligando a teoria à prática, organiza as massas, estimula-as para a ação, concentrando-as em torno às palavras de ordem bolcheviques.

Lênin exigia, já em 1890-1900, a liquidação dos métodos individuais na organização do trabalho de propaganda, a concentração de toda a propaganda nos comitês de direção do Partido, locais ou regionais, como também a organização de viagens de propagandistas pelas diversas cidades. Lênin indicou a necessidade de uma educação sistemática dos quadros de propagandistas e de uma elevação ininterrupta de seu nível de instrução. Lênin dedicou uma atenção especial à seleção cuidadosa dos propagandistas :

"Os propagandistas realmente consequentes do ponto de vista de princípio e de sua



capacidade são "muito pouco numerosos" (e para sê-lo é preciso estudar muito e acumular experiência), é preciso especializar esses homens, ocupá-los completamente e cuidar deles"<sup>(2)</sup>.

Em todas as etapas da revolução, Lênin ressaltou a necessidade de ligar estreitamente o "aprendizado sistemático das verdades do marxismo" aos ensinamentos visíveis da luta revolucionária das massas.

Lênin exigia dos propagandistas do Partido saber estar sempre com as massas, mas nunca marchar a reboque delas.

### **O Exemplo de Lênin Como Propagandista**

O CONCEITO leninista da propaganda e da agitação se torna mais claro com a análise da experiência pessoal de Lênin como propagandista e agitador. E Lênin foi um grande e destacado mestre da propaganda e da agitação bolcheviques. Seu estilo de propagandista se caracterizava, antes de tudo, pela imensa força de convicção na verdade da causa bolchevique. Ao propagar o marxismo, Lênin o desenvolveu, e enriqueceu de maneira genial as teses do marxismo por intermédio das novas experiências da luta de classes. Cada palavra da propaganda de Lênin estava imbuída de ardente amor aos trabalhadores e do ódio irredutível aos exploradores.

Desde a sua juventude. Lênin estudou as obras de Marx e Engels e as leu muitas vezes, profundamente convencido da justeza de sua grande doutrina.

Lênin considerava que o conhecimento profundo da matéria de que trata o propagandista, é seu primeiro dever. Lênin conhecia bem não apenas as obras de Marx e Engels, cujas ideias eram difundidas já em 1890, como possuía em geral uma profunda cultura e um conhecimento amplo. Dominava perfeitamente a economia política, a filosofia, a história, o direito, havia estudado algumas línguas estrangeiras, e lia os autores estrangeiros no texto original.

A particularidade de Lênin como propagandista era sua capacidade maravilhosa de tornar compreensível e adaptada ao nível das massas a teoria marxista, mas também em convertê-la num guia para a ação.

Quando explicava aos operários os fundamentos da teoria marxista, Lênin ligava a teoria marxista com a realidade que cercava os operários, ligava a teoria revolucionária à prática revolucionária. Lênin elaborou um questionário detalhado para os propagandistas operários. Para responder ao questionário, deviam observar com atenção a vida das fábricas, estabelecer um contato vivo com a massa operária, estudar suas necessidades imediatas e diárias.

A partir de 1895, sob a direção de Lênin, a passagem da propaganda nos círculos à agitação social-democrata começou a se realizar praticamente. **Lênin visitava amiúde os bairros operários dos subúrbios de Nevskaja e Narvskaja e Zastava e da ilha Vassallievski, onde se encontrava com os propagandistas e agitadores operários de vanguarda.** Vladimir Ilitch lhes ensinava como se deve fazer a propaganda e a agitação, como explicar as razões da exploração dos operários e como mobilizá-los para a ação contra os exploradores. De dia para dia aumentava o número desses propagandistas operários avançados. Lênin acompanhava com atenção seu desenvolvimento e os guiava pelos caminhos justos. Ele os chamou para as conferências da "União de Luta pela Libertação da Classe Operária", se preocupou com a educação dos operários propagandistas como futuros quadros dirigentes das organizações socialdemocratas.

A propaganda de Lênin foi sempre concreta. Lênin colocava com vigor as questões de urgência, acentuando-as às vezes com toda a intensidade, Quando os propagandistas interviessem junto às massas, deviam dar-lhes respostas exatas. Muitos camaradas contam em suas recordações o enorme trabalho que Lênin executava para reunir fatos concretos da vida da classe operária e com que habilidade os utilizava para a sua propaganda.

N. K. Krupskaja conta em suas memórias acerca da influência de Lênin nos círculos operários de 1894-1895, que Lênin, em suas reuniões com os propagandistas operários, empregava a metade do tempo para explicar aos operários "O Capital" de Marx e a outra metade para perguntar aos operários sobre suas condições de vida e de trabalho.

Para estimular os membros dos círculos à discussão franca dos problemas, Vladimir Ilitch insistia com eles para que tomassem a palavra e defendessem suas opiniões.

Lênin empregou com habilidade os mais diversos métodos de propaganda, de acordo com o nível de desenvolvimento dos membros de tal ou qual círculo. Com os operários mais avançados, lia "O Capital"; no

círculo dos operários relativamente atrasados Lênin fazia palestras, nas quais muitas vezes lia obras de literatura. Assim, por exemplo, no outono de 1905, num círculo de operários têxteis da fábrica Torton, Lênin leu "Os tecelões", de Hauptmann, e explicou a obra aos operários. N. K. Krupskaja escreve em suas recordações de Lênin:

"Ele não era de opinião que se devia oferecer aos operários algo simplificado, mas achava que se tem que levar a eles a ciência toda, completa. E como os marxistas, ele também obteve muito de Marx e considerava que se devia também contar aos operários o que Marx disse"<sup>(3)</sup>.

### **As Formas e Métodos da Propaganda**

LÊNIN fez propaganda do marxismo em todas as suas obras escritas. Cada um dos trabalhos geniais de Lênin, como "Quem são os Amigos do Povo e Como Lutam Contra os Social-Democratas" "O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia", "O Programa Agrário da Social-Democracia Russa", "O Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo" e "O Estado e a Revolução", são obras profundamente científicas e ao mesmo tempo exemplos notáveis da propaganda do marxismo, que unem cada vez cada problema radical do desenvolvimento da revolução na Rússia com a teoria de Marx.

Muitas obras escritas de Lênin surgiram de suas palestras, conferências e discursos de agitação. Lênin utilizava a propaganda escrita com o mesmo gosto que a verbal, de acordo com as possibilidades que se lhe ofereciam.

Lênin possuía até à perfeição a arte da vulgarização. Já em 1895, compôs para os operários seu notável folheto popular sobre as multas.

No outono de 1897, Lênin escreveu o folheto "A Nova Lei Fabril" e no ano de 1899 outros dois folhetos: "Sobre os Tribunais Industriais" e "Sobre as Greves". Esses folhetos são obras primas da propaganda escrita.

Lênin atribuiu uma enorme importância à arte de falar e de escrever em forma popular, mas completamente científica. Um folheto político de massas deve levar com energia a um objetivo determinado e deve conter uma ideia básica, expressa de maneira clara, simples, concreta e interessante.

Um enorme trabalho de propaganda e de agitação realizou, nos começos do século XX, periódico leninista "Iskra" (A Centelha), da mesma forma que, nos anos seguintes, os periódicos bolcheviques "Vperiod" (Avante), "Proletari" (Proletário), "Zvesdá" (A Estrela) "Pravda (A Verdade) dirigidos por Lênin.

Durante o período de seu trabalho na redação da "Iskra", Lênin desenvolveu no estrangeiro uma grande propaganda através de conferências. Esse trabalho se realizou quase completamente sob o signo da luta teórica e política em defesa do programa do Partido. Nos anos de 1901-1903, Lênin preparou e pronunciou dez informes e discursos científicos sobre o problema agrário, nos quais combateu a revisão da teoria agrária de Marx pelos oportunistas e contra os programas agrários da burguesia e dos social-revolucionários.

Para a propaganda das ideias do marxismo, Lênin aproveitou também, neste período, a escola superior de ciências sociais de Paris, dirigida por liberais burgueses, na qual Lênin, em fevereiro de 1903, leu várias conferências sobre a questão agrária. Com quanto cuidado se preparou para essas conferências verifica-se pelos extratos e as citações das obras de Marx e Engels, dos trabalhos dos "críticos" de Marx, etc., que estão incluídos no tomo XIX das "Obras Completas" de Lênin, na edição russa. Conservaram-se duas versões do resumo das conferências, preparadas por Lênin. Para seus ouvintes, Lênin preparou uma tradução especial do trabalho de Engels "A Questão Camponesa na França e na Alemanha", e elaborou quadros estatísticos. Como resultado das leituras e conferências de Lênin sobre o problema agrário saiu o folheto famoso de propaganda: "Aos Camponeses Pobres".

Lênin ensinava que as formas e métodos de propaganda e de ação devem ser extraordinariamente flexíveis e de acordo com as condições concretas.

Em 1905 a 1907, o Partido, por indicação de Lênin, desenvolveu na Rússia um sistema de periódicos legais do Partido, de editoriais e organizações para venda de livros. Lênin dirigiu pessoalmente a imprensa bolchevique legal e ilegal, como também o trabalho do grupo de redação dos bolcheviques, que editaram os jornais: "Volná" (A Onda), "Vperiod" (Avante), "Eco", "Proletari", (Proletário), e as revistas semanais "Tierni Trudá" (O Trabalho Espinhoso), "Zrenie" (A Vista), etc.

Um notável exemplo da agitação leninista é a participação de Lênin na campanha do boicote à primeira Duma de Estado.

Em maio de 1906, Lênin falou pela primeira vez na Rússia, num comício popular de massas na casa dos Panin, no qual participaram cerca de três mil homens. Os operários receberam seu chefe com aplausos entusiásticos. Lênin falou com uma simplicidade e uma força de convicção extraordinárias. Demonstrou o motivo por que o proletariado não deveria ir à Duma, e conclamou os operários a preparar-se para uma nova insurreição. Ao terminar seu discurso, os operários se levantaram e fizeram a Lênin uma grande ovação. Emocionados e confiantes em seu triunfo, os operários voltaram a seus distritos depois do discurso agitador de Lênin, cantando hinos revolucionários.

Na segunda metade de dezembro de 1907, Lênin, por causa da intensificação da reação, viu-se obrigado a abandonar a Rússia. Mas os operários bolcheviques que ele tinha instruído continuaram sua luta. Mesmo do estrangeiro, Lênin continuou dirigindo seu trabalho revolucionário.

Nos anos da reação, Lênin colocou com toda sua força a necessidade da formação marxista dos operários propagandistas. Defendendo as bases teóricas do bolchevismo, Lênin desenvolveu uma luta ideológica a respeito dos problemas mais importantes da filosofia marxista, pronunciou conferências sobre os problemas fundamentais da teoria marxista e sobre os problemas políticos da atualidade. A obra genial de Lênin "Materialismo e Empiriocriticismo" teve um grande papel na propaganda do marxismo. Nesta obra, Lênin fazia o balanço do desenvolvimento da filosofia marxista desde a morte de Engels e generalizava, à luz do materialismo, as conclusões principais de tudo o que foi adquirido nesse período pela ciência e antes de tudo pelas ciências naturais.

Em 1909, Lênin organizou nas proximidades de Paris, na aldeia Longjumeau, uma escola do Partido. Ele próprio elaborou o programa, selecionou os quadros de conferencistas marxistas de confiança, pronunciou conferências e foi o dirigente imediato de todo o trabalho da escola no ano de 1911.

A formação teórica que os bolcheviques russos receberam nos anos da reação, sob a direção de Lênin, ajudou-os especialmente nos anos da 1ª Guerra Mundial. Com Lênin a frente, os bolcheviques desenvolveram uma campanha extraordinariamente enérgica contra o social-chauvinismo russo e dos outros países.

Nos anos da 1ª Guerra Mundial, Lênin se ocupou bastante também com trabalho teórico-científico. Nesse período, trabalhou intensamente em seu livro sobre o imperialismo e escreveu para o dicionário enciclopédico editado por Granat o artigo "Carlos Marx", ao qual acrescentou uma ampla bibliografia que mostra como eram profundos os conhecimentos que Lênin exigia de um propagandista do marxismo.

### **A Propaganda Após a Revolução**

TAMBÉM riquíssimo de ensinamentos para todos nós o trabalho de agitação e propaganda de Lênin após o triunfo da Revolução de Outubro. Lênin considerava que o conteúdo da propaganda e da agitação deve mudar fundamentalmente nas condições da ditadura proletária. Diante do Partido surge uma tarefa histórico-mundial: a construção da sociedade comunista. Esta é a tarefa de toda uma época, mas o proletariado vitorioso deve lançar-se sem vacilações à sua realização. A propaganda e a agitação devem ser organizadas de tal maneira, que o comunismo se torne compreensível para todos os trabalhadores. Salientando a diferença da propaganda de antes e de depois da Revolução de Outubro, Lênin escreveu:

"A propaganda do velho estilo contava, explicava com exemplos o que é o comunismo; mas esta velha propaganda não serve mais, porque agora se deve mostrar na prática como se constrói o socialismo. Toda a nossa propaganda deve ser baseada sobre a experiência política da construção econômica."<sup>(4)</sup>.

Depois que Lênin foi nomeado presidente do Conselho dos Comissários do Povo, chefe do primeiro governo da ditadura proletária no mundo, não deixou de continuar realizando reuniões com os operários. Com freqüência, intervinha nas reuniões das fábricas nos anos de 1918 a 1919. A 28 de junho de 1918, o Comitê de Moscou do Partido Bolchevique organizou comícios em todos os distritos de Moscou sobre o tema "A Guerra Civil". Num deles, realizado na fábrica "AMO" (hoje, fábrica "Stálin"), Lênin ocupou a tribuna; dois mil operários reunidos no imenso refeitório da fábrica, receberam o chefe do proletariado com uma grande ovação. Lênin falou durante quase uma hora e meia. "Famintos, descalços, quase nus, mas com entusiasmo, com consciência de classe, nós escutamos cada uma de suas palavras - lembra o velho operário Palunin - . . . Lênin nos deu um exemplo com o seu trabalho sobre-humano!"

## **A Propaganda no Exército Vermelho**

LÊNIN atribuía uma importância decisiva à propaganda e à agitação nas fileiras do Exército Vermelho, falando freqüentemente diante dos soldados vermelhos.

Por indicação de Lênin e Stálin foi criado, desde os primeiros anos da guerra civil, um vasto sistema de cursos políticos de toda a espécie diversas escolas nas unidades do Exército Vermelho, na retaguarda e na frente. Nas escolas militares especiais e nos cursos para artilheiros, metralhadores, etc, o trabalho de educação política dos alunos ocupava o primeiro lugar. Os melhores agitadores e propagandistas bolcheviques foram enviados para junto dos alunos militares, para falar a eles. Muitas vezes, o próprio Lênin falou em diversos cursos militares.

Lênin dedicava uma enorme importância ao trabalho de propaganda e agitação entre os comissários políticos e as células comunistas do Exército, tanto para a educação da massa de combatentes como para transformação da melhor parte dos velhos especialistas militares.

Subordinando a retaguarda e a frente a uma única tarefa — a defesa do país contra os intervencionistas e a contra-revolução dos guardas brancos —, Lênin subordinava a esta tarefa histórica também todas as campanhas políticas efetuadas tantas vezes entre os soldados vermelhos como entre os operários e os camponeses. No decorrer desses anos, Lênin aspirava incansavelmente conseguir que a agitação e a propaganda não fossem apenas uma questão afeta às diferentes organizações do Partido e de militares designados para isso, mas a causa de todo o Estado e do povo inteiro, que atingissem aos milhões de trabalhadores.

## **O Estilo Leninista da Propaganda**

Os discursos e obras literárias de Lênin eram desprovidos de qualquer recurso de oratória, de qualquer "fraseologia". Lênin tratava os problemas mais graves o mais importantes de uma maneira tão simples e compreensível, que as massas mais amplas o compreendiam e a verdade das palavras leninistas penetrava nelas. Seus discursos, desprovidos de falsa ênfase e de parágrafos grandes artificialmente compostos, eram claros e compreensíveis. Conquistavam os ouvintes por sua honestidade e sua força de convicção, comoviam-nos profundamente e deixavam neles uma forte e inolvidável impressão. O próprio caráter de simplicidade extraordinária atrai a todas as massas para os trabalhos literários de Lênin. Caracterizando o estilo da propaganda de Lênin, escreveu o camarada Stálin:

"Somente Lênin sabia escrever sobre as coisas mais complicadas com tanta simplicidade e clareza, tanta concisão e tanta audácia, e parece que suas frases não falavam, mas detonavam... Era a força invencível da lógica nos discursos de Lênin que me cativou, esta lógica um pouco seca, mas tão profunda, que se apodera do auditório, o eletriza pouco a pouco, e depois o cativa por completo"<sup>(5)</sup>.

Em suas recordações sobre um discurso de Lênin na fábrica Putilov, um velho operário dessa fábrica conta a impressão que o discurso de Lênin produziu sobre o auditório operário :

". . . Aquilo, o que disse Lênin, penetrou em nós e nos iluminou. Foi-se o temor, já não se sentia nenhum cansaço. E parecia que já não era Ilitch o único que falava e sim que eram 40 mil operários que, sentados, de pé, quase pendurados em algum canto, exprimiam seus pensamentos mais íntimos. Parecia que tudo o que os operários levavam em seu coração havia começado a falar pela voz de Ilitch".<sup>(6)</sup>

No decorrer de uma conversa com Clara Zetkin, Lênin discorria sobre maneira de falar às massas:

"Sei apenas que quando "me fiz orador", pensei todo o tempo nos operários e camponeses como se fossem eles que me escutavam. Por eles é que eu queria ser compreendido. Onde quer que fale um comunista, deve pensar nas massas, deve pensar nas massas, deve falar para elas"<sup>(7)</sup>.

A grande experiência de Lênin como propagandista e agitador foi assimilada por seus discípulos

imediatos, educados nos círculos marxistas, sob a direção de Lênin e das gerações de revolucionários profissionais que realizam os ensinamentos de Lênin.

A grande experiência do trabalho de Lênin como propagandista deve ser assimilada também por nossa geração de propagandistas bolcheviques, que, sob a direção do maior continuador da obra de Lênin — o camarada Stálin — ajudam o Partido a levar as massas até o triunfo completo do comunismo.

### **QUESTÕES PRÁTICAS**

#### **Elementos para desenvolver a propaganda e a agitação:**

- a) Formação política da militância para o trabalho de agitação e propaganda;
- b) Desenvolver (criatividade, iniciativa, etc) formas para agir, criar ou adaptar métodos e formas, de acordo com as condições e meios possíveis (mesmo quando não tem recursos financeiros) para realizar o trabalho;
- c) Objetivar a formação e educação política da classe trabalhadora e da juventude
- d) Criar (junto com a base) processos de organicidade de cada movimento social, para avançar para além do cumprimento de calendários de luta e mobilização;
- e) O trabalho de agitação e propaganda deve ser parte do trabalho de base que toda@ militante precisa exercitar permanentemente (deve ser objetivo de toda vida militante);
- f) O trabalho de agitação e propaganda precisa, acima de tudo, cumprir com a missão de:
  - Elevar o nível de consciência dos trabalhadores/juventude e incentivar a participação na luta;
  - Provocar o questionamento sobre as contradições do mundo (tipo de democracia imperante no mundo, pobreza, fome, desemprego, etc);
  - A prática de valores humanistas, de solidariedade e socialistas. Sem a vivência no cotidiano de novos valores, o trabalho de agitação e propaganda se torna vazio e não alcança os objetivos políticos que se propõe.

#### **A “moral” de um militante agitador e propagandista**

O militante que faz a tarefa de agitador e propagandista (e outras) deve exercer valores que o tornam diferente do “senso comum”. A agitação e propaganda, por sua importância, deve ser parte da vida do militante. Não basta ter uma “técnica excelente” de propaganda e agitação, é preciso ter uma conduta moral em favor dos explorados, não se aproveitar do movimento para objetivos pessoais, entender os dramas pessoais e humanos da base, etc, etc. Apenas a técnica (por mais importante que ela seja) não permite que alcancemos a transformação social.

#### **Alguns “princípios”:**

- Gostar de ser e estar no meio da juventude explorada e dos trabalhadores;
- De ter abertura para aprender com os trabalhadores/base, com as pessoas com as quais convive;
- Perceber os momentos certos de atuar, recuar e avançar. A sensibilidade política permite ter a clareza de lidar com as contradições que aparecem, os imprevistos na vida com as pessoas;
- Conhecer (por isso a importância da formação) a realidade local, saber interpretar e fazer a conexão do específico com as questões gerais da sociedade (morar na favela x pagamento da dívida pública, PROUNI reforma universitária, etc), identificando em cada local aquilo que pode mobilizar as pessoas; partindo da necessidade local para fazer o trabalho de agitação e propaganda;
- Gostar de estudar e pesquisar. Um bom agitador e propagandista busca à luz da história e da ciência elementos para aprofundar e melhorar o trabalho;
- Companheirismo, solidariedade, de sacrifício e do desprendimento dos bens materiais. O coletivo se sobrepõe ao individual. Combater o individualismo. Não se iludir com o “prestígio”
- A firmeza e a coerência ideológica. Não desanimar com os problemas e dificuldades da militância. É na dificuldade que se forja a coesão e o espírito revolucionário;
- As mudanças profundas nascem, crescem e acontecem somente através da luta da classe trabalhadora organizada. Nenhum grupo ou partido faz algo sem a classe trabalhadora;
- Ser exemplo no trabalho, nas iniciativas, na superação dos limites, na prontidão para as tarefas mais árduas do cotidiano.

## QUESTÕES DE ORGANIZAÇÕES - Texto de Nadejda Krupskaja

Ao longo de todo o tempo, o cérebro de *Lenin* trabalhava sistematicamente na temática relacionada com as *novas formas de administração*.

Refletia acerca de como seria possível organizar um *aparato de Governo* que permanecesse livre das garras do *burocratismo*, apoiando-se sobre as massas, organizando a cooperação e a assistência entre elas, demonstrando-se capaz de formar um novo tipo de trabalhador administrativo para a execução desse serviço.

Na *Resolução do II Congresso dos Sovietes sobre a Formação do Governo Operário e Camponês*, essa sua preocupação é expressa com as seguintes palavras :

*“A administração dos diferentes setores da atividade estatal é confiada a comissões cuja estruturação deve assegurar a implementação do programa proclamado pelo congresso, em estreita unidade com as organizações de massas dos trabalhadores, marinheiros, soldados e empregados.*

*O poder de governo está incorporado em um colégio de presidentes das referidas comissões, i.e. o Conselho dos Comissários do Povo.” (cf. V. I. Lenin, Obras Completas, Vol. 26, p.230).*

Recordo-me das conversações que mantive com *Lenin* acerca desse tema, durante das poucas semanas em que viveu na habitação de *Fofanova*.

Nessa época, encontrava-me trabalhando com extraordinário entusiasmo no *Distrito de Vyborg*, observando, aguçadamente, as atividades revolucionárias das massas e as transformações radicais que estavam ocorrendo em todo o modo de vida de então.

Quando encontrava-me com *Lenin*, falava-lhe sobre a vida nos distritos.

Recordo-me de ter-lhe contado, certa feita, sobre o ocorrido em uma interessante sessão de um *Tribunal Popular Eletivo de Operários, Soldados e Camponeses*, à qual tinha comparecido.

Sessões judiciárias semelhantes haviam já ocorrido em alguns lugares, durante a *Revolução Russa de 1905*, tais como em *Sormovo*, a propósito de algumas questões jurídicas.

*Tchugurin*, um trabalhador que eu havia conhecido, em 1911, como estudante da *Escola de Longjumeau*, promovida, então, por nosso Partido nas imediações de *Paris*, e com o qual agora trabalhava no *Conselho do Distrito de Vyborg*, era originário da cidade de *Sormovo* e foi sua a sugestão de darmos início à organização de sessões de tribunais populares, no *Distrito de Vyborg*.

A primeira destas teve lugar na *Casa do Povo de Vyborg*.

O local das sessões judiciárias ficavam, então, repletos de pessoas, posicionadas lado a lado, nos corredores, nos bancos e sob os parapeitos das janelas.

Hoje já não recordo exatamente quais questões eram submetidas à apreciação do nosso *Tribunal Popular*.

Seja como for, não se tratava propriamente de crimes, no sentido estrito da palavra, mas sim de incidentes, ocorridos na vida diária.

Certa vez, duas pessoas suspeitas foram processadas por tentarem prender *Tchugurin*.

Em outra ocasião, um relojoeiro alto e de pele escura foi *“processado”* por ter espancado seu filho jovem, havendo explorado-o e mantido fora da escola.

Nesse último caso, inúmeras trabalhadoras e trabalhadores do auditório colheram a oportunidade para pronunciar discursos inflamados.

O *“acusado”* ficou ali exposto, derramando suor de seu fronte e, então, com lágrimas fluindo de seus olhos, prometeu que jamais voltaria a maltratar seu filho.

Em estrito senso, não se tratava propriamente de um *“tribunal”*, mas sim de um *controle público do comportamento dos cidadãos*.

Estávamos, assim, testemunhando a *ética proletária de julgar*.

**Lenin** interessava-se extremamente por tais “tribunais” e indagava-me sempre, detalhadamente, a respeito do tema em realce.

Em muitas oportunidades, contei-lhe também sobre as novas **formas do trabalho educativo**.

Naquela época, eu era responsável pelo **Departamento de Educação**, junto ao **Conselho Distrital**.

Como as **escolas infantis** não funcionavam no verão, encontrava-me, quase sempre, ocupada com as **tarefas de educação política**.

Minha experiência de cinco (5) anos, havida durante a última década do século XIX, junto à **Escola Dominical Vespertina** do **Distrito Nevskaya Zastava**, foi-me extremamente útil.

Evidentemente, os tempos eram outros e podíamos seguir adiante, efetuando nosso trabalho sem maiores empecilhos burocráticos.

Cumpre ainda anotar que, todas as semanas, delegados de aproximadamente quarenta (40) fábricas reuniam-se, a fim de discutíssemos sobre os meios e modos de executar essa ou aquela medida.

Tudo aquilo por nós decidido era imediatamente posto em prática.

Assim, decidimos, em dada ocasião, acabar com o **analfabetismo** entre as trabalhadoras e trabalhadores da região.

Os delegados de fábrica – cada qual em seu próprio local de trabalho – organizaram, então, um **registro dos analfabetos**, providenciando espaços para as **aulas de alfabetização** e fundos necessários, providos da coação exercida contra as administrações burocrático-industriais.

Representantes dos trabalhadores, destacados para cada uma dessas escolas, velavam para que estas fossem abastecidas com tudo aquilo que necessitavam, tal quais quadros-negros, giz, livros de alfabetização etc.

Representantes especiais, indicados para atestarem a correção dos métodos de ensino utilizados, investigavam o que as trabalhadoras e trabalhadores tinham a dizer acerca do assunto.

Instruimos esses representantes operários e deles recebíamos os seus relatórios.

Reunimos também as delegadas das esposas dos soldados, com vistas a discutirmos as condições existentes nos estabelecimentos infantis e organizarmos sua inspeção.

Demo-lhes, então, instruções específicas, impulsionando um extenso trabalho de conscientização entre elas. Reunimos, por fim, os bibliotecários do distrito e, juntamente com eles e demais funcionários do ramo, discutimos as formas de trabalho nas **bibliotecas públicas**.

Um poderoso impulso foi conferido às iniciativas, empreendidas por trabalhadoras e trabalhadores, de tal sorte que o **Departamento de Educação** aglutinou forças consideráveis à sua volta.

**Lenin** dizia, à época, que esse era precisamente o **estilo de trabalho** que nossos órgãos governamentais e ministros haviam de adotar, um estilo de trabalho modelado segundo os **comitês de mulheres e homens trabalhadores**, envolvidos densamente nas questões concretas e familiarizados com as condições de vida e de trabalho das massas, bem como com tudo que agitava suas mentes, em dado momento.

**Lenin** foi sumamente ousado ao lançar-me sobre essas questões.

Acreditava que eu possuía compreensão para aglutinar as massas, engajando-as na dinamização das atividades de **Governo**.

Posteriormente, **Lenin** teve de pronunciar-se com palavras muito duras contra o **“burocratismo podre”** que havia escavado o seu torpe caminho em todos os lugares.

Procurou lançar mão da experiência de cada um para que se fosse empreendida a **construção de um Estado de novo tipo**.

O **Governo Soviético**, à cabeça do qual se encontrava **Lenin**, confrontou-se com a tarefa de construir um tipo de engrenagem estatal que o mundo jamais havia conhecido, uma engrenagem que assentasse sobre o apoio das amplas massas da população.

Tratava-se de remodelar toda a fábrica social e todas as relações humanas, em conformidade com novas linhas soviético-socialistas. (...)

Em 21 de novembro de 1917, **Jakob Mikhailovitch Sverdlov** foi eleito Presidente do **Comitê Executivo Central de Toda a Rússia**, vindo a substituir **Lev B. Kamenev**.

**Sverdlov** foi nomeado por **Lenin** e a escolha realizada foi excepcionalmente feliz. **Sverdlov** era um homem de grande firmeza.

Na luta em favor do **Poder Soviético** e para a derrota da contra-revolução, **Sverdlov** era indispensável.

Além disso, havia um trabalho imenso a ser feito no domínio da **organização do Estado de novo tipo** que clamava por um organizador de habilidade excepcional.

**Sverdlov** era precisamente esse tipo de organizador.

Lamentavelmente, faleceu, dois anos mais tarde, em 18 de março de 1919, depois de haver realizado um extraordinário trabalho de organização para o bem do país, precisamente no momento em que disto mais necessitávamos.

O discurso de **Lenin**, pronunciado no **Comitê Executivo Central de Toda a Rússia (VTsIK)** a respeito da morte de **Sverdlov**, ingressou na história como esplêndido monumento, proferido em homenagem do campeão da causa da classe trabalhadora revolucionária, **Jakob Sverdlov** :

*“No decorrer de nossa revolução e de suas vitórias,” frisou Lenin, “o companheiro Sverdlov conseguiu expressar, do modo mais completo e mais efetivo do que qualquer outra pessoa, a própria essência da revolução proletária. (...) O atributo muito mais essencial na revolução, bem como o pressuposto de sua vitória, é a organização das massas proletárias. Nessa organização reside a profunda fonte de sua vitória. (...) Esse traço da revolução proletária produziu, igualmente, o companheiro Sverdlov, que foi, antes de tudo e em primeira linha, um organizador (...).” (Ibidem, Vol. 29, p. 72)*

**Lenin** descreveu **Sverdlov** como **“o tipo mais marcante de revolucionário profissional”**, devotado ilimitadamente à causa da revolução, enrijecido por longos anos de atividade ilegal clandestina, um homem que jamais perdeu o contato com as massas, jamais abandonou a **Rússia**, um revolucionário que logrou tornar-se **“não apenas o dirigente amado pelos trabalhadores, não apenas o dirigente que profunda e principalmente conhecia o trabalho prático, mas também o organizador dos proletários mais avançados...”**

E destacou :

*“Todo aquele que trabalhou dia após dia com o companheiro **Sverdlov** viu, de modo particularmente claro, que seu singular talento de organização assegurou-nos aquilo de que nos orgulhamos, com pleno direito. Assegurou-nos a possibilidade de um trabalho organizado, adequado, unânime, que se tornaria digno das massas proletárias organizadas, trabalho esse sem o qual não poderia existir sucesso algum nem seria possível dar resposta, na mais plena dimensão, às necessidades da **Revolução Proletária.**” (ibidem)*

Lenin caracterizou **Sverdlov** como um organizador que conquistou para si mesmo uma “autoridade indiscutível”, um organizador de “todo o Poder Soviético da Rússia” e o “mais completo e mais efetivo” organizador “desse partido que criou os Sovietes e, na prática, executou o Poder Soviético.” (cf. V. I. Lenin, Obras Completas, Vol. 29, pp. 70-74)

A Revolução de Outubro havia alterado as condições de luta revolucionária.

Estas exigiam das pessoas maior determinação, maior abnegação, maior “estamina” - para utilizar aqui, de passagem, uma das palavras mais favoritas de Lenin -, maior escopo organizativo.

Lenin disse, muitas e muitíssimas vezes :

**“A essência da construção socialismo é a organização.”**

Não foi por acaso que o curso dos eventos produzira pessoas que não temiam arcar com suas responsabilidades, pessoas cujas habilidades haviam sido esculpidas pelas condições da velha clandestinidade.



Precedentemente, prisões e deportações constantes haviam levado ao nada seus esforços organizativos, na medida em que a necessidade de manterem segredos e empreenderem atividades sigilosas conservavam-nos em segundo plano. (...)

## **Como preparar reuniões: material em separado**

### **QUESTÕES PRÁTICAS: intervenção em assembleias, atos, reuniões, congressos**

A comunicação e expressão é um das questões mais importantes de uma organização de luta. Jornal, revista, site, etc são alguns instrumentos utilizados. Mas esses instrumentos sem as pessoas de nada valem. E outra coisa importante: com qual objetivo utilizamos esses instrumentos e as técnicas de comunicação? Até mesmo uma organização uma organização burguesa possuem esses instrumentos e os utilizam para explorar o povo.

Propaganda e agitação também são utilizadas pela burguesia e suas organizações. Para nós, neste curso, é dar uma função social a essas questões, coloca-las a serviço dos explorados.

Comunicar e expressar pensamentos são tarefas que estão diretamente ligadas ao cotidiano do militante. A atividade de propaganda, “dialogar” com a polícia em uma ocupação, intervir em uma assembleia, em uma reunião são questões colocadas em algum momento para @ militante. E outras coisas: explicar para pessoas simples sobre o socialismo é muito diferente do que falar sobre socialismo em um ambiente universitário. Por isso o conhecimento.

Por isso é preciso estarmos preparad@s para essas situações..

Para termos ideia da importância de sabermos nos comunicar. A sociedade capitalista, como uma de suas técnicas de dominação, procura nos silenciar. Para se ter um exemplo: o que é o bom aluno no senso comum? O que ouve muito e fala pouco, quando deveria ser bem ao contrário, o bom aluno deveria ser o que questiona, interfere, faz o contraditório. Nos espaços de trabalho a situação é ainda pior.

A depender da burguesia, a nossa vida na sociedade capitalista vai ser de subserviência pela imposição do silêncio. É uma forma de intimidação pelos poderosos. \_Se a classe trabalhadora se cala por não saber falar os dominadores se utilizam desta fragilidade para impor suas ideias.

Comunicar-se e expressar-se com eficiência é fundamental para mudar a vida dos trabalhadores.

Uma das razões de muitas vezes “provocarmos” as pessoas a falarem nas reuniões e atividades, uma forma de ajudar a romper com o silêncio que foi imposto a tod@s nós. Aprender a nos expressar é parte da nossa luta de emancipação.

## **Algumas técnicas:**

- 1) Quando pensamos em uma tarefa a ser desempenhada, devemos também, coletivamente, pensar quem é (ou são) a pessoa para desempenhar tal tarefa. Abrir ou organizar um trabalho em uma escola/universidade, em local de trabalho, fazer uma agitação, organizar formação...enfim, a vontade é um elemento importante, mas não é suficiente para que as coisas aconteçam;
- 2) **Características pessoais: qual a melhor tarefa? Quem é o agitador, o propagandista ou o organizador?**
- 3) Tema é o centro da intervenção. Em uma intervenção em uma assembleia, congresso você vai falar sobre UM TEMA. O pouco tempo que normalmente tem obriga a explicar melhor um tema. Muitos temas impedem a explicação e fica só uma descrição
- 4) Para isso precisamos conhecer o tema. Um militante precisa estar sempre informado porque a TODO MOMENTO É CHAMADO A SE PRONUNCIAR SOBRE ALGUMAS QUESTÃO. Para isso também deve conhecer a posição contrária e os argumentos apresentados por ela. Assim, por exemplo, pode ver as contradições, as falhas;
- 5) Não fugir do centro do debate. Deve procurar contestar/atacar o que a posição contrária tem de mais consistente
- 6) Respiração: Diminuir antes das frases
- 7) Tons de voz distintos para partes significativas da fala. Pausa antes de mudar o tom

- 8) Postura corporal
- 9) Preparar mentalmente a intervenção. Se for o caso, fazer anotações com os eixos
- 10) Tod@s podemos aprender. Acertar, errar, corrigir, compreender as razões dos erros e dos acertos são questões fundamentais para o nosso desenvolvimento enquanto militantes da revolução e para a organização. Reconhecer e saber quais são os nossos limites é fundamental para superar as nossas debilidades. Essas observações servem para a organização de conjunto e também para cada militante.
- 11) Entender os limites também é entender que precisamos nos apoiar, procurar construir equipes com camaradas que têm características distintas. Em uma greve, um processo de mobilização da classe trabalhadora ou de estudantes uma série de tarefas de agitação e propaganda e organização se colocam para serem feitas. **Pensar cientificamente a intervenção nas lutas e junto aos trabalhadores significa pensar:** qual o eixo de agitação, que (ou quens) vai fazer a agitação, e a propaganda: com quem vamos procurar estabelecer relações políticas, quais atividades de propaganda vamos organizar, os camaradas responsáveis por fazer o trabalho de apresentação das ideias socialistas e da organização (trabalhar com o jornal e outros materiais de propaganda socialista), pegar os contatos para enviar material político depois, enfim...um conjunto de tarefas.